



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**





**O PATRIOTA,  
JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra amei, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

**TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.**

N. 1.º

**JANEIRO E FEVEREIRO.**

---

**RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1814.

*Com Licença de S. A. R.*



---

*A subscrição se faz na Loja da Gazeta, ou na  
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6000 reis  
pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos  
a 1200 reis.*





## A G R I C U L T U R A .

*Sumario da Historia do descobrimento da Cochonilha no Brazil, e das observaçoens, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, Medico do Vice-Rei o Marquez do Lavradio.*

## A R T I G O I .

*Descobrimento da Cochonilha no Brazil.*

§ 1. **H**Avendo o Vice-Rei do Brazil, o Marquez do Lavradio, de saudosa memoria, approvado a proposta, que, em Dezembro de 1771, lhe fez o seu Medico o Dr. José Henriques Ferreira, sobre a importancia, que havia de conferir com outras pessoas entendidas a respeito de algumas materias de Historia natural, de Fysica, e Quimica, de Agricultura, de Medicina de Cirurgia e de Farmacia, do interesse do Brazil, associarão-se logo muitas pessoas (1), e instituirão huma Academia debaixo da protecção do mesmo Vice-Rei.

a ii

---

(1) Os primeiros socios forão os Medicos Gonçalo José Muzzi, Antonio Freire Ribeiro; os Cirurgioens Mauricio da Costa, Ildefonso José da Costa Abreu, Antonio Mestre, Luiz Borges Salgado; os Boticarios Antonio Ribeiro de Paiva e Manoel Joaquim Henriques de Paiva; e o curioso de Agricultura Antonio José Castrioto: a estes se associarão depois muitos outros tanto nacionaes, como estrangeiros; ligando-se em fim esta Academia com a Real das sciencias da Suecia, que se dignou de convidar por via do seu Secretario, Pedro Wargentín, e do Dr. Pedro Jonas Bergius.

§ 2. No dia 18 de Fevereiro de 1772 celebrou-se a primeira sessão publica da Academia no Palacio dos Vice-Reis, na presença do mesmo Vice-Rei, e de hum brilhante concurso de pessoas de differentes jerarquias. Nella recitarão o Presidente o Dr. José Henriques Ferreira huma eloquente, e erudita oração ácerca dos objectos da mesma Academia e da sua utilidade; o Director de Cirurgia Mauricio da Costa outra sobre a Anatomia e a Cirurgia; o Director de Historia natural Antonio Ribeiro de Paiva, outra sobre todos os ramos desta vastissima sciencia e em particular sobre o da Botanica, e do proveito, que no Brazil se podia tirar da sua cultura; o Director de Fysica, de Quimica, de Agricultura, e de Farmacia, Manoel Joaquim Henriques de Paiva, outra ácerca destas sciencias, mormente da Farmacia; e ultimamente, o Secretario Luiz Borges Salgado, leo os Estatutos, em que todos os Socios tinham concordado, para por elles se regerem.

§ 3. Tratando-se nas sessoens semanarias de diversos assumptos o Cirurgião Mór do primeiro Regimento Director da Academia, Mauricio da Costa, referio em huma dellas que, viajando pelo continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul, quando se determinou a demarcação da America Portuguesa e Hespanhola hum Hespanhol que hia na sua companhia, e que estivera no Mexico, lhe mostrou a cochonilha sobre os cardões, gerumbebas, urumbebas, que são variedades ou especies do *cactus* chamadas *opuntia*; mas que outros cuidados e embarços fizerão que não attendesse muito a esta materia. Não perdendo nunca isto da memoria, procurou algumas vezes a mesma cochonilha sobre as referidas plantas, que crescem a orredor do Rio de Janeiro, mas não a encontrou.

§ 4. Esta narração (§ 3.) accendeo em todos os Socios o desejo de ver huma producção impor-

tante e preciosa do Brazil, e recommendarão ao dito Director que se empenhasse por consegui-la: elle desempenhou de tão boa mente esta commissão que, passados alguns mezes, apresentou huma pequena quantidade de cochonilha perfeita, que o Vice-Rei remetteo á Corte de Lisboa.

§ 5. Ainda que a distancia do lugar, e a difficuldade da conducção da planta com a cochonilha, fizeram quasi desesperar de a ver propagada no Rio de Janeiro; renovarão-se todavia as esperanças, quando Francisco José da Rocha, Sargento Mór de Dragoens do Rio Grande, remetteo ao Vice-Rei varios papeis pintados e escritos com huma tinta, de que os rapazes se servião, e tanto o Vice-Rei, como o Presidente lhe escreverão declarando que era da cochonilha, e que mandasse alguma desta.

§ 6. Neste comenos foi mandado retirar o dito Francisco José da Rocha para governar a fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, e chegado a esta Cidade, teve com elle o Presidente muitas conferencias a respeito da cochonilha e das suas utilidades, de sorte que, hindo depois para a Ilha de Santa Catharina, incumbido de varias diligências ácerca da sua defenza, e viajando por ella, descobrio a cochonilha nas mesmas plantas, em que a vira no Rio Grande, e immediatamente mandou ao Vice-Rei hum caixão com a planta, que era o (*cactus tuna*), e a cochonilha pegada nella, e outro ao Presidente o qual o mandou para o Jardim botanico da Academia, que era na cerca do Collegio, ou Hospital militar, e incumbio ao Socio Inspector do mesmo Jardim Antonio José Castrioto. não só a propagação da dita planta com a cochonilha, mas tambem a sua repartição por diversas partes.

§ 7. O referido Presidente, tendo mandado pôr a planta do Rio de Janeiro (*cactus opuntia*) ao pé da outra de Santa Catharina, (§ 6.), que era

pequena, e pouca, advertio que a cochonilha passou-se logo a ella, que se multiplicou muito mais, e por isso a fez espalhar por todas as plantas, que alli havia, nas quaes se propagou copiosamente.

§ 8. Em virtude desta observação (§ 7.), o Vice-Rei ordenou ao referido Francisco José da Rocha que promovesse a propagação das ditas plantas (§ 6. 7.) em Santa Catharina para se conseguir maior, e mais abundante criação, e colheita da cochonilha. A mesma ordem teve o seu Governador Pedro Antonio da Gama e Freitas, o qual continuou a remetter a mesma planta com a cochonilha ao Rio de Janeiro, onde se propagou sobremaneira. Além disto, o Vice-Rei mandou o Socio Luiz Borges Salgado, Secretario da Academia, com as instrucções escritas pelo Presidente, a fim de melhor averiguar esta materia, e remetteo alguma cochonilha tão bem secça e conservada, como a fina do Mexico. Dando-se a noticia deste descobrimento, e da sua importancia, ao Tenente Coronel do primeiro Regimento da Bahia José Clarke Lobo, depois Brigadeiro, com a recommendação de inquirir se na Bahia haveria a cochonilha; passado pouco tempo, avisou ao dito Presidente que ella se tinha achado nos arredores desta Cidade.

§ 9. Eis-aqui (§ 18) em summa a fiel historia do descobrimento da cochonilha no Brazil: agora passo a recopilar as observaçoens, que sobre ella fez o Presidente da Academia, a fim de conhecer a sua natureza e geração.

## ARTIGO II.

### *Observaçoens feitas sobre a cochonilha.*

§ 10. **A** Brindo-se na presença do Vice-Rei, e de outras pessoas, huma caixa de cochonilha, apanha-

da viva na planta, e que de Santa Catharina remettera Francisco José da Rocha, virão-se como mosquinhas vivas, e huns casulinhos vãos, donde ellas tinhão sahido, semelhantes á cochonilha, que estava inteira e cheia: julgou-se por tanto que a cochonilha se transformava, e gerava como outros insectos, e nisto assentou firmemente o Presidente, que communicou a sua opinião a diversas pessoas.

§ 11. De sorte que para ver esta transformação (§ 10.), pôs em sua casa hum vaso com a planta, e alguns bichos a ella pegados, e observava todos os dias bicho por bicho, até que, passado tempo consideravel, que não notou comecção de apparecer infinitos bichinhos, huns andando por toda a parte, e outros junto dos maiores, de que nascião pela parte posterior, do tamanho de hum miudissimo piolho, nos quaes, vistos com o microscopio se distinguia perfeitamente o corpo composto de rugas, ou divisoes transversaes, de cor vermelha escura mal coberto de hum finissimo pelo branco; seis pés de cor de carne e duas antenas brancas; e na parte posterior alguns pelos finissimos e mais longos que aquelle. Esta vista maravillhou o observador, que esperava a transformação (§ 10.).

§ 12. Vendo nascer os bichinhos, ou filhos das mãis (§ 11.), sem que estas mudassem de lugar, nem padecessem transformação, maior foi a sua vacillação na conjectura, que fizera a respeito da geração por quanto lhe faltavão os machos fecundadores das femeas, lembrando-se todavia se aquellas mosquinhas (§ 10.) serião os machos; mas tendo morrido todos, além de terem vindo numa caixa, separados da planta assentou que não podião ser os fecundadores daquellas femeas (§ 11.), mãis dos recém-nascidos bichinhos. Conjecturou tambem que as femeas terião vindo já fecundadas de S. Catharina por outras semelhantes mosquinhas (§ 10.), re-

putando-as firmemente pelos machos, sem com tudo dissuadir-se que a transformação nas mosquinhas era da cochonilha. Reparando porém que muitos dos ditos bichinhos se forão pegando á planta, que ficarão immoveis, mantendo-se, crescendo, e que, passados tres mezes, nascerão outros muitos da mesma maneira que os primeiros, saio do engano em que estava a respeito da transformação nas ditas mosquinhas (§ 10).

§ 13. Não obstante isto (§ 12.) permaneceu duvidoso, occorrendo-lhe algumas conjecturas, que não ousava de manifestar, sem que o tempo e novas observaçoens lhe descobrissem a verdade, e para alcançar esta, transplantou a planta limpa de bichinhos para hum vaso, e de outra planta tirou alguns recém-nascidos, que poz sobre aquella. Collocou o vaso em huma varanda, em que não havia outra alguma planta e cobrio-o com huma grande manga de vidro exactamente tapada, que sómente abria para regar a planta, e dar entrada ao ar. Estes bichinhos começarão de andar pela planta, e alguns por fóra della, e em torno do vaso e todos ficarão pegados e immoveis, tornando-se alvacentos, de maneira que não se via o corpo, nem os pés, nem as antenas.

§ 14. Ora huns destes bichinhos (§ 13.), que ficarão pegados em torno do vaso, e outros á mesma planta, erão semelhantes a hum casulinho de bicho de seda summamente pequeno, sem que nelle se distinguisse nenhuma teia.

§ 15. Muitos porém dos mesmos bichinhos (§ 13.), que ficarão pegados á planta cobrirão-se de hum finissimo cotão, crescerão sem que se percebeesse movimento algum, e adquirirão huma figura hemisferica.

§ 16. Esta differença (§ 14, 15) instigou o Presidente a proseguir as suas observaçoens até conseguir o seu intento, que era achar a causa da mes-

ma differença. E para isso, e melhor e mais facilmente ver a cada instante as mudanças, que acontecessem metteo em huma caixa de vidro alguns daquelles bichinhos (§ 14.) e tambem alguns dos outros (§ 15). Passante de vinte dias vio sahir de cada hum dos referidos casulinhos (§ 14.) huma mosquinha quasi invisivel, cujas principaes partes se distinguão. Vista ella com o microscopio tinha o corpo vermelho tirante a purpúreo; duas antenas mais longas que antes da transformação, compostas de nove juntas como humas minimas contas enfiadas em hum fio branco (*moniliformes*), de cor vermelha clara; duas azas brancas pouco transparentes em razão de huma finissima poeira, que as cobre, com algumas ramificaçoens ou betas vermelhas, horizontalmente estendidas e hum pouco encruzadas sobre o corpo; seis pés de cor vermelha; duas sedas como dous finissimos cabellos na parte posterior do corpo, adelgaçadas, e nas pontas curvadas para fóra. Estas mosquinhas viverão dentro da caixa de vidro quatro até cinco dias, e depois morrerão; os outros bichinhos (§ 15) estavam mortos, e seccos.

§ 17. Na ponta dos casulinhos se via hum buracinho por onde sahira a mosquinha (§ 16.). Estes casulinhos antes da sua sahida tingião de vermelho quando se esmagavão com os dedos, e se reduzião a hum pó branco subtilissimo como amydo ou farinha, misturado com hum cotão levissimo.

§ 18. A mesma transformação (§ 16.) aconteceo no mesmo tempo áquelles bichinhos, que tinha posto sobre a planta coberta com a manga de vidro (§ 13.), sahindo de huns (§ 14.) as mosquinhas (§ 16.), andando, saltando e voando por cima da planta, e dos bichinhos (§ 15.) a ella pegados.

§ 19. As mosquinhas e os casulinhos (§ 10), que vira antes de fazer estas observaçoens (§ 16, 18), nunca lhe despertarão de serem ellas os machos da cochonilha, sem embargo de saber que Antonio

Herrera, Ruussecher, Linneo e outros assim o affirmavão. Porém continuando as observaçoens, vio que os bichinhos (§ 15) crescião á medida do tempo, apparecendo-lhe na parte trazeira certa humidade transparente como huma gotta de orvalho de cor loura, que pouco e pouco se trocara com a vermelha, que reputou por excremento; e que, chegados ao tamanho de huma lentilha, ou carrapato (*acarus ricinus*), nascerão delles os filhinhos, da mesma sorte que os outros acima referidos (§ 11.), seguindo-se em tudo o mesmo progresso; o que depois observou constantemente em todas as plantas, e em todas as geraçoens dos bichos, notando ser maior o numero daquelles (§ 14), que nas mosquinhas (§ 16) se transformarão.

§ 20, Demais, observou que os ditos bichinhos (§ 15), que são as femeas, ou a cochonilha, que se apanha secca, e prepara para vender, e que tinhão, quando nascerão, seis pés sobre que andavão com maior presteza do que os outros bichinhos (§ 14.), e duas antenas, perderão estas partes, ou somirão-se, depois que ficarão pegadas á planta, e forão crescendo, por tal modo, que nem por meio do microscopio, se percebião; nem ellas verdadeiramente lhes são necessarias senão em quanto buscão o lugar para se pegarem e manterem, sendo este de ordinario o mais abrigado e escondido. Observou tambem que, não obstante o finissimo e branco cotoão, que os envolve, percebia-se na sua parte superior e convexa, ou no *dorso*, os anneis ou divisoens do corpo, e na parte inferior do peito hum buraquinho ou boca triangular, com que chupa da planta o seu alimento, sahindo-lhe da parte posterior alguns pelos como cabellos mais compridos que os outros.

§ 21 Abrindo hum destes bichinhos (§ 15.) no seu maior crescimento (§ 19.), vio que estava cheio de hum liquido vermelho, que lhe impedia a vista das entranhas, mas, mediante o microscopio, dis-

tinguio innumeraveis bichinhos da mesma cor, que tem quando nascem. Vio tambem que os ditos bichinhos, no momento em que acabão de nascer, não se arredão da mãi, ficando debaixo ou apegados a ella alguns entre o cotão, e outros em montinhos ao pé da mesma mãi, em quanto talvez ganhavão vigor para se espalharem pela planta, e poderem manter-se; morrendo então a mãi da qual resta só o cadaver secco e vasio.

§ 22. Das referidas observaçoens (§ 10 — 21) concludo 1.º que as mosquinhas (§ 10, 16, 18) são os machos fecundadores; 2.º que os outros bichinhos (§ 11, 15, 19, 20) são as femeas, as quaes parem animaes semelhantes, e por tanto são viviparas, e não oviparas, como elle com muitos escriptores affirmou; 3.º que a cochonilha pertence aos *progallinsectos*, os quaes differem dos *gallinsectos* unicamente em ser viviparos, cobertos de pelo, dentro do qual como de hum casulinho vivem, nutrem-se, crescem, gerão, parem e morrem.

§ 23 A' vista de tudo o que fica dito (10 — 22) pareceo-lhe que a cochonilha foi mal classificada por Linneo na ordem *hemiptera*, cujo character he terem os insectos quatro azas, as superiores *semi-crustaceas*, e a cochonilha tem, segundo o mesmo Linneo duas azas, as quaes são finissimas, pouco transparentes (§ 16.), e que, por tanto seria mais acertado classificalla na ordem *Diptera*, ou de duas azas, ou tambem guiando-nos pelas femeas, que vivem mais tempo na ordem *Aptera* ou sem azas. Pareceo-lhe finalmente imperfeita, e manca a descripção da cochonilha dada por Linneo.

§ 24. Demais assevera que da cochonilha criada, e apanhada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Vice-Rei remettera á Corte de Lisboa huma grande quantidade, assim como huma porção de carmim finissimo, e de varias lacras, que della fez seu irmão Joaquim José Henriques de

Paiva; e que da Corte se respondera que a dita cochonilha era tão boa como a fina da America Hespanhola, e que tanto o carmim como as lacras erão de boa qualidade, como se conhecera por experimentos.

§ 25. Prescindo de fallar aqui no methodo de espalhar, ou, como se diz de semear a cochonilha sobre as plantas, de a criar, apanhar, e preparar, porque este, além de andar escripto em todos os authores que fallão della, varia conforme a temperatura dos climas, e depende das observaçoens e das experiencias, as quaes, como diz o mencionado Presidente, devem ensinar os melhores meios de a obter perfeita, e de prevenir os futuros acontecimentos, para se conseguir abundantes colheitas: asseverando todavia, em consequencia das suas observaçoens, que no Rio de Janeiro não se carece de tantas cautelas como no Mexico, e que na Bahia se carecerá de muito menos.

§ 26. Outrosi me julguei dispensado de recopilar a minuciosa descripção das plantas, em que a cochonilha se cria, feita pelo dito observador, só com o fundamento de que seria trabalho baldado para quem desconhece a linguagem botanica, aos quaes basta dizer que são as plantas que se conhecem com os nomes de cardão, jerumbeba, orumbeba, figueira da India: e aos entendidos em Botanica basta indicar-lhes, que são *cactus opuntia*, *ficus indica*, *tuna*, *cochinillifer*; e porém não basta dizer *cactus iconsandria monogynia*, classe que já desappareceo do *systema naturæ* de Linneo, refundindo-se os seus generos na classe *Polyandria*, além de que o genero *cactus*, comprehende vinte e nove especies conhecidas.

§ 27. A este proposito só direi 1.º que sendo concordes todas estas observaçoens, as de Antonio Herrera (*Historia general de las islas e tierras firmes del mar oceano*), as de Ruussecher (*Dissertation*

sur la Cochenille), as de Menonville (*Traité de la culture du Nopal et de l'education de la Cochenille*), que corre em linguagem, as de D. José Antonio de Alzate (*Memoria sobre la Cochonilla*), impressa no Mexico; discrepão tanto de todas ellas as de Jacintho José da Silva Quintão, que se pôde francamente afirmar que he singularissima a sua opinião; 2.º que além dos dois primeiros auctores acima citados serem conhecidos do Presidente, e dos outros socios, conhecião igualmente Degeer, Hernandes, Sloan, Reaum, e outros, que o dito Presidente cita na sua Memoria, e por tanto não foi a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia a causa de não se realizarem os louvaveis trabalhos e dezejos da Academia, mas sim a mesma, que empeceo á propagação dos bichos de seda criados com as folhas da tataiba (*Morus tinctoria*), os quaes produzirão huma boa seda, que o Vice-Rei remetteo á Corte, a mesma, digo, que empeceo outros uteis estabelecimentos, que se proposerão; 3.º que não foi, como ousa dizer Jacintho José da Silva Quintão *o methodo errado ensinudo de então propagar a cochonilha, tirando parte da vermina, s. dos vermes ou bichinhos de huns cardos, e pondo-a em outros*, a causa de ser totalmente abandonada a sua cultura; por quanto, além de se indicarem então todos os methodos praticados no Mexico, se escolheo o melhor, que se foi alterando, segundo as observaçoens, e experiencias, que se hião fazendo, e com effeito conseguirão-se abundantes colheitas da cochonilha tanto no Rio de Janeiro, como noutras partes, onde fora estabelecida.

## TOPOGRÁFIA.

*Fim da Descripção Geographica da Capitania  
de Matto Grosso.*

*Rio Mamoré.*

**A** Confluencia dos rios Guaporé, e Mamoré está na latitude de  $11^{\circ} 4' 46''$  e na longitude de  $328^{\circ} 28' 30''$ . O Mamoré, rio de grande largura, e de maior cabedal de agoas, traz as suas origens da latitude de  $18^{\circ}$ , das serras, que existem entre Cochabamba, e a Cidade da Paz, e correndo de Sul a Norte recebe por ambos os lados muitos rios, hum dos quaes he o Chaparé, que lhe entra por Oeste, de grande curso, e perigosa navegação, pelas muitas catadupas que tem. Outro, e o maior de seus braços, he o Rio Grande, ou Guapehy, que fazendo contravertentes nas serras dos Andes com o Pilço-Mayo, grande braço do Paraguay, pela latitude de  $20^{\circ}$ , corre a E, e depois a N passando 10 leguas ao Nascente da Cidade de Santa Cruz, até entrar pelo NO na margem Occidental do Mamoré, com mais de 150 leguas de curso total.

Navegando-se desta foz pelo Mamoré acima a rumo geral do Sul, nas primeiras 16 leguas de navegação se encontra a bôca do rio Iruamé na margem Occidental, o qual communica com o Madeira pelo Lago de Cayuabas; e 15 leguas acima desta foz, sobre a mesma margem de Oeste do Mamoré, está a Missão da Exaltação, de 1000 almas.

Quatro leguas acima deste povo desagua na mesma margem Occidental do Guaporé o rio Jacuma, sobre o qual 4 leguas acima da sua foz, está a Missão de Santa Anna, de 800 almas. Sobre hum braço de S. do dito Jacuma, existe tambem a Missão de S. Borja de 700 almas. Os Hespanhoes em

10 dias de navegação pelo Jacuma acima, e em 5 por estrada de terra chegam á Missão dos Santos Reis, que fica meia legua afastada da margem Oriental do rio Beny, ou Madeira: a sua população he de 800 almas.

Vinte leguas acima da boca do Jacuma, proximo á margem Oriental do Mamoré, está a Missão de S. Pedro de 30 almas. No meio desta distancia, e na opposta margem do Mamoré, desagoa o rio Apére; e pouco abaixo de S. Pedro, entra pela mesma margem Occidental o rio Tyamuchy, sobre hum superior braço do qual existe a Missão de S. Ignacio de 1500 almas.

Doze leguas acima de S. Pedro desagoa na margem de Leste do Mamoré o rio Ibaré; e quatro leguas por elle acima está situada a Missão da Trindade de 30 almas.

Em fim, 11 leguas distante desta Missão, existe a do Loreto de 10 almas, sobre a mesma margem do Mamoré.

Estas Missoens do Mamoré, com as do Baurés, Itonamas, e Beny, fórmão todas a Provincia de Mochos, habitada por 22 até 230 almas; Provincia pouco saudavel, talvez por effeito dos seus inundados terrenos, interpolados de densos bosques, e largos campos, onde com o nimio calor se effectuão rapidamente immensas decomposiçoens animaes e vegetaes, cujas exhalaçoes podres e mephiticas inficionão a atmosfera. A Provincia de Mochos he abundante em mantimentos, caças, e pescados; tem muito gado Vacum e Cavallar: os Indios, que a povoão, são polidos, valentes, e industriosos, bons officiaes de Fundidores, Escultores, Organeiros, e outros misteres; as mulheres fazem os mais perfeitos panos de algodão. Fabrica-se nesta Provincia muito assucar, agoa ardente, vellas de sebo, e de cera, &c. Os Hespanhoes tem grande interesse nesta Provincia, pela sua immediata

communicação com o Forte do Principe da Beira, e mais extrema Portugueza, que limita o Guaporé; e he, igualmente com a Provincia de Chiquitos, hum proximo chamariz para a fuga dos nossos escravos, e hum refugio de pessimo effeito para os nossos criminosos. Se estas duas Provincias não existissem, com grande difficuldade nos faria esta Nação a guerra, faltando-lhe os mantimentos, gados, cavallos, canoas, remeiros, gastadores, praticos, e soldados, que ellas fornecem; e haveria hum vazio entre Santa Cruz e a extrema Portugueza, de quasi 200 leguas de extensão, que dificultaria os seus sinistros intentos.

O Mamoré, da sua confluencia com o Guaporé para baixo, corre a rumo geral de N. Navegadas as primeiras 11 leguas, se encontra a foz do pequeno rio Soterio, que lhe entra pela margem de Leste; e 12 leguas abaixo estão as duas pequenas Ilhas das Capivaras, na latitude de  $11^{\circ} 14'$ .

Nove leguas abaixo destas Ilhas, desagoa na mesma margem Oriental o rio Paca-nova, desde o qual continúa o Mamoré por espaço de 3 leguas até á cachoeira de Guajaramerim, ultima, ou a 17.<sup>a</sup> para quem navega do Pará para Mato Grosso, e que se passa com facilidade. Huma milha abaixo desta cachoeira está a de Guajara-uçu, tambem de curta extensão; porém de trabalhoso e difficil passo, porque o rio se desliza por hum plano assaz inclinado, e a sua velocidade he ainda augmentada pelas muitas e pequenas Ilhas, que neste lugar estreitão o seu alveo,

Tres leguas abaixo de Guaraja, a rumo de N, existe a grande catadupa da Bananeira, 15.<sup>a</sup> desta navegação: a sua cabeça está na latitude de  $10^{\circ} 37'$ , e a sua cauda na de  $10^{\circ} 35'$ , tendo esta catadupa, pelas muitas voltas que faz o rio, e pelas repetidas pedras, e ilhotes, que cobrem estes dous termos, mais de huma legoa de extensão; es-

paço semeado de penedos, ilhas, saltos, remansos e canaes derramados pela grande largura de quasi meia legua, que o rio tem neste lugar. Esta cachoeira he huma das maiores e mais famosas desta navegação, e equivale a muitas cachoeiras unidas: humas vezes se passa a sua cabeça varando as canoas por terra; outras porém se conduzem por canaes rapidissimos vencendo huma corrente enorme, trabalho que dura muitos dias, com summa fadiga e perigo.

Duas leguas abaixo da Bananeira está a 14.<sup>a</sup> catadupa do Páo-Grande, de huma milha de extensão; e posto que para a passar se tire parte da carga das canoas, com tudo he vencivel com pouco trabalho.

Huma legua abaixo da precedente existe a 13.<sup>a</sup> cachoeira das Lagens, que se passa facilmente, ainda que com algum trabalho.

Huma legua abaixo da cachoeira das Lagens está a barra do rio Mamoré o maior dos braços do Madeira, e que este recebe pela sua margem Oriental. Esta junção fica na latitude de  $10^{\circ} 22' 30''$ . 33 leguas distante da foz do Guaporé, e 44 segundo as voltas e navegação do rio. A largura da boca do Madeira nesta confluencia he de 494 braças, e a do Mamoré de 440; e a largura total dos dous rios unidos he de 900 braças, e hum grande fundo.

### *Rio da Madeira.*

**O** Rio da Madeira, desde as suas origens, até o lugar da sua junção com o Mamoré, he conhecido e habitado pelos Hespanhoes com o nome de rio Beny, e sendo dos maiores braços do maximo Amazonas, havia tão pouco conhecimento do canal das suas agoas, que todas as cartas geographicas publicadas até o anno de 1777 o fazião entrar no

Amazonas como braço do Porús, rio que entra nelle por muitas bocas, 60 leguas a Poente da foz do rio Madeira; de tal fôrma que inda nos dous Tratados de Limites de 1750, e 1777, no art. 7.<sup>o</sup> do primeiro, e decimo do segundo, se considera não existir este grande rio Beny, ou da Madeira, bem que por si só seja muito maior que os outros dous Guaporé, e Mamoré, suppondo-se nos ditos Tratados que o canal formado pelas agoas destes dous ultimos rios, era o verdadeiro rio da Madeira, quando os outros são seus braços.

O ponto da junção dos rios Mamoré, e da Madeira, parece o mais natural para delle se lançar a linha recta de E a O até ao rio Javary, conforme o art. 11.<sup>o</sup> do Tratado de Limites, tanto para a conservação das actuaes possessoens, e interesse das duas Naçoens confinantes, como por não terem os Hespanhoes delle agoas abaixo estabelecimento algum, com que possam communicar, e só o podem fazer descendo o Beny até esta confluencia, para della subirem o Mamoré, e deste o Guaporé, communicando por esta navegação com as suas Missoens, que ligão e formão a Provincia de Mochos, e que a dita linha projectada salva, deixando com esta commum navegação livres os estabelecimentos de cada hum dos confinantes.

O rio Beny, assim chamado pelos Hespanhoes, e da Madeira pelos Portuguezes, tem as suas remotas fontes pela latitude de 13.<sup>o</sup>, passando huma dellas pela Cidade da Paz, e correndo de S a N por 150 leguas, corre mais 100 ao NE até a sua confluencia com o Mamoré, da qual com mais 245 leguas ao mesmo rumo de NE vai entrar no Amazonas com perto de 500 leguas de curso total.

Hum dos notaveis braços do Beny he o rio Ti-poany, que lle entra pela margem do Poente o qual pela sua veloz correnteza gastão os Hespanhoes 40 dias em subir até as minas deste nome, en-

de achão muito ouro corrido entre as areias, havendo neste lugar hum povo tambem chamado Tiponey, do qual são seis dias de aspero caminho, atravessando altas montanhas, até á Cidade da Paz. A foz deste rio, que tem muitos braços, e que se desce em 5 dias, está dous dias de navegação acima da Missão dos Reis.

Logo abaixo da confluencia do Mamoré com o Madeira, principião mil penedos espalhados por toda a largura do rio, dos quaes hum, que está fronteiro á junção destes dous grandes rios, formado por huma só e grande lage, tem capacidade para nelle se construir hum Presidio, que fecharia a entrada e a navegação destes dous rios: penedos, desde os quaes principia a 12.<sup>a</sup> cachoeira, chamada do Madeira, formada de tres saltos, de meia legua de extensão, com grande largura e pezo de agoas. Na cabeça desta cachoeira se descarregão as canoas, passando as cargas por caminho de 300 braças, e as canoas pelo rio, vencendo os volumosos canaes, que fórmão as suas agoas. Resta dizer que o rio Beny, hum dia acima da sua junção com o Mamoré, tem huma grande cachoeira, que difficulta o poderem os Hespanhoes navegar desde as Missoens, que nelle tem, até esta larga foz; communicando-se com as do Mamoré, ou por terra, ou pelos rios lateraes, que elle recebe.

Meia legua abaixo da cachoeira do Madeira está a da Misericordia, que he a 11.<sup>a</sup>; de curta extensão, mas de maior, ou de menor perigo, segundo o estado das cheias do rio.

Meia legua abaixo da precedente, existe a cabeça da 10.<sup>a</sup> e grande cachoeira do Ribeirão, na latitude de  $10^{\circ} 14'$ : a sua extensão he de 4 milhas, ficando a sua cauda em  $10^{\circ} 10'$ . He esta temível, e trabalhosa cachoeira, formada por 5 diversos saltos ou cachoeiras parciaes: as canoas se descarregão totalmente, conduzindo-se as cargas por

caminho de terra de 98 passos, até a sua cabeça, na qual as mais das vezes se varão as canoas por terra; porém quando o rio leva maior cabedal de agoas, fórma vencíveis canaes, que se passam com bastante trabalho e consumo de dias.

Inferior e contiguo á cabeça desta cachoeira, desagoa na margem Oriental do Madeira hum pequeno rio, chamado Ribeirão, que vem das serras dos Parecis; já visto, e transitado desde ellas pelos primeiros Descobridores da Capitania de Mato Grosso o qual se divide em dous braços, dous dias e meio acima da sua foz, em hum dos quaes não só achárão grandes formaçoens de ouro, mas o mesmo metal em grande extensão de terra, em quantidade proporcionada a grandes jornaes, e maiores esperanças.

Quatro leguas abaixo da cauda do Ribeirão, espaço cheio de pedras e de correntezas, está a cachoeira das Araras, ou da Figueira, a 9.<sup>a</sup> deste rio, formada por ilhotes e penedos: he de breve extensão, e de pouco trabalho.

Oito leguas abaixo desta cachoeira desagoa no Madeira pela sua Occidental margem, o rio Abuná, sendo esta foz o ponto mais de Occidente do rio da Madeira, e da Capitania de Mato Grosso. A distancia em linha recta, contada desde a boca do Abuná até o Araguaya, extrema Oriental desta Capitania, não tem menos de 300 leguas, que faz a sua largura, cuja linha continuada até ao Cabo de Santo Agostinho, faz a somma total de 620 leguas de hum inda impenetrado sertão.

A oitava cachoeira da Pederneira está quatro leguas abaixo da foz do Abuná, na latitude de 9<sup>o</sup> 31' 21'', e supposto não seja de grande extensão, com tudo, como a largura do rio está toda semeada de hum sem numero de penedos, huns mergulhados outros apenas sahindo á flor da agoa, esta repetida e perigosa alternativa augmenta o traba-

lho, passando-se as canoas vazias, e as cargas por terra por caminho de 240 braças para se vencer a cabeça desta cachoeira, formada por dous saltos.

Meia legua abaixo desta cachoeira, faz barra na margem Occidental do Madeira o rio dos Ferradores, nome que tomou dos pequenos pássaros assim chamados cujo canto nada differe do som das alternadas pancadas, que dão os officiaes daquelle officio atarracando a ferradura.

Tres leguas abaixo desta foz, existe a 7.<sup>a</sup> cachoeira do Paredão, assim denominada por formarem a sua cabeça huns unidos penedos fora do nivel das agoas, os quaes se estendem ao longo do rio por 15 braças e 2 de largura, representando os restos de arruinadas muralhas, formando neste espaço hum estreito canal de pouco mais de 20 palmos de largo de muito pezo e violencia de agoas, que as canoas vencem á sirga.

A sexta cachoeira he a dos Tres Irmãos, 6 leguas abaixo da antecedente, espaço cheio de pedras, e de correntezas sendo a margem de Oeste do Madeira bordada de continuas colinas. Esta cachoeira tem hum quarto de legua de extensão e he formada por varias, pequenas, e pouco distantes Ilhas: he vencivel com pouco custo; perto da cabeça desta cachoeira entra no Madeira pela sua margem de E o rio Mutumparaná, que vem com breve curso das serras dos Parecis.

Oito leguas de trabalhosa navegação abaixo desta cachoeira, está a do Salto do Giráo, que he a 5.<sup>a</sup> na sua ordem, na latitude de  $9^{\circ} 21'$ ; e supposto seja de curta extensão, he huma das mais trabalhosas e formidaveis do Madeira o qual, correndo neste lugar por entre montes, se estreita consideravelmente, o que lhe augmenta a velocidade. Esta cachoeira he formada por 5 diversos saltos, e pouco distantes saltos, de que o mais superior fórma a sua cabeça, sempre invencivel, e

que sómente se passa varando as canoas em terra; e conduzindo-as por hum espaço de 350 braças de extensão, com grande declivio na sua subida e descida; gastando-se sempre nesta cachoeira, 10, 15, e mais dias de assiduo trabalho.

Legoa e meia abaixo do Girão está a 4.ª cachoeira do Caldeirão do Inferno, de huma legua de extensão, formada por muitos penedos, e pequenas ilhas espalhadas por toda a largura do rio, que aqui he bastante consideravel, tudo a oppositos e diversos rumos; o que a faz perigosa, passando-se de humas ás outras por 3 trabalhosas sirgas, de que a ultima fórma na cabeça desta cachoeira o chamado Caldeirão do Inferno onde a queda das agoas, circulando com movimento voraginoso atrahê as canoas ao centro a ponto de as despedaçar nas pedras, que cercão o sorvedouro; o que faz seja esta cachoeira huma das temiveis e perigosas do rio da Madeira; com tudo em tempo de poucas agoas passa-se com pouco custo e trabalho.

Legua e meia abaixo desta cachoeira, entra pela margem de Oeste no Madeira o pequeno rio Maparana; e navegadas mais 6 leguas, desagoa na opposta margem, depois de 3 pequenas ilhas, o rio Yaci-parana ao qual se segue, depois da Ilha de Santa Anna, de huma legua de comprido, com mais 6 leguas de navegação, a 3.ª cachoeira dos Morrinhos formada por muitas e pequenas ilhas que esparzidas por toda a largura do rio fórnão 3 canaes, e na cabeceira 2 sirgas, que se passam facilmente.

Defronte, e pouco distante da margem Occidental do Madeira ha 3 pequenos morros, de que tirou o nome a cachoeira; os quaes estão cobertos de sarça parrilha, droga que com igual abundancia se encontra na mesma margem do Madeira, proximo da cachoeira e salto do Girão, entrando

com quatro leguas de navegação por hum Igarapé, que nella desemboca.

Pouco mais de quatro leguas abaixo dos Morrinhos, de enfadonha navegação pelas muitas pedras e correntezas que se encontrão, está a 2.<sup>a</sup> e famosa catadupa do Salto do Theotônio, na latitude de 8° 52'. Esta cachoeira he formada por huma unida e alta corda de penedia, que atravessa o rio de margem a margem, quebrada em quatro diversas partes, pelas quaes se despenhão todas as agoas do caudaloso rio da Madeira, formando quatro volumosas columnas de bons 40 palmos de altura; e como da margem de E corre huma comprida restinga de pedra, parallelá á dita corda de unidos penedos, que pelo seu comprimento encontra, e se oppoem ás agoas de 3 dos canaes, formando com o 4.<sup>o</sup> hum só canal, pelo qual sahe todo o pezo das agoas do rio, apertado entre a ponta desta restinga, e a margem do O. do Madeira, entre innumeraveis e nunca passadas correntezas, cachoens, e pedras; vem a ser esta cachoeira de grande trabalho, varando-se nella sempre as canoas por terra, por hum aspero varadouro de 250 braças de extensão, trabalho que leva muitos dias para se vencer.

O lugar desta cachoeira he por muitos respeito o mais importante, e digno de attenção do grande rio da Madeira, merecendo por isso huma individuação particular.

Huma legua abaixo da cachoeira do Salto se encontrão grandes e multiplicados penedos, que abrangendo a largura do rio, fôrão hum pequeno salto, e huma trabalhosa sirga, que chamão do Macaco, e que equivale a huma mediana cachoeira.

Duas leguas abaixo da sirga do Macaco, está a cachoeira de Santo Antonio na latitude de 8° 48', a qual he a primeira que se encontra navegando o Madeira agoas arriba, formada por grandes ilhas

de soltas pedras, que dão origem a 3 volumosos canaes, que se vencem com bastante fadiga, descarregando parte das canoas. Estas 17 cachoeiras occupão hum espaço de 74 leguas de navegação, as 12 primeiras no rio da Madeira e as 5 ultimas no Mamoré. Os combois das canoas de commercio de 7 e 8 reinos por banda, que viajão nas monçoens convenientemente, passão estas cachoeiras regularmente em 3 mezes, porém algumas vezes gastão mais tempo, segundo o estado em que ellas se achão determinado pelo maior ou menor cabedal de agoas dos rios, que as formão. Dous palmos de mais, ou de menos, lhes occasionão hum alteração notavel, e basta esta pequena quantidade de agoa para diminuir as sirgas, e saltos, facilitando breves canaes em algumas dellas; ao mesmo tempo que em outras o maior pezo das agoas faz succeder tudo pelo contrario. Na maxima cheia do rio inda se difficulta mais esta longa navegação; cada arvore cahida ou mesmo hum ramo copado, que mergulhe na agoa, he hum correnteza, hum perigo, hum sirga e hum trabalho; por isso se deve buscar tempo proprio para esta carreira e o melhor será principiar a passa-las desde Julho até aos fins de Setembro.

Na cachoeira de Santo Antonio termina pelo N a extrema da Capitania de Mato Grosso; e comparando este ponto com a foz do Ipané no Paraguay sua extrema Austral, lhe resulta hum comprimento de 300 leguas de N a S.

Pouco mais de 4 leguas abaixo da cachoeira de Santo Antonio, existe a famosa, alta e grande praia do Tamandoá, onde pela sua altura e extensão vem depositar milhares de ovos para a sua procreação as muitas Tartarugas do rio da Madeira, escavando nesta praia fundas covas, em que os depoem; cada Tartaruga alli deixa de hum vez de 80 até 120 ovos, que tantos são os que em

si conserva até ao tempo da postura, cobrindo-os depois solidamente com a arêa, que escavarão. Este abundante deposito faz huma das riquezas deste lugar, vindo as canoas do Pará todos os annos a esta praia, e desenterrando os ovos, em poucas horas fazem delles manteigas, de que enchem muitos centos de potes; manteiga excellente, não só para luzes, mas para frigir peixe, e temperar muitas comidas. Esta facil fabrica nesta, e em outras praias do Madeira, rende 5 e 6 $\frac{1}{2}$  cruzados.

Da praia do Tamandoá são 12 leguas, depois de se passarem, além de muitas bahias, as ilhas Mariuahi, das Guaribas e Mundibu, cada huma dellas de legua de extensão até á foz do rio Jamarý, o maior que desagua na margem Oriental do Madeira. Este rio traz as suas origens, conhecidas com o nome de rio das Candêas, da face Oriental das Serras dos Parecis, fazendo contra-vertentes com as do rio Curumbiará, e outros braços do Guaporé, e em huma dellas se julga existirem as minas de Urucumacuá. Tem este rio constante fama de aurifero, e diz-se que os Jezuitas daqui extrahirão muito ouro, vencida huma grande catadupa, que este rio tem, 2 dias de viagem acima da sua foz.

Duas leguas abaixo desta foz do Jamarý, está a ilha Tucunaré e o lago do mesmo nome na margem de E. do Madeira. Seis leguas abaixo da boca deste lago, está na opposta margem a boca do lago Puncá, depois de duas e não pequenas ilhas do mesmo nome, na latitude de  $7^{\circ} 34' 17''$ , ponto, desde o qual, segundo o art. 11<sup>o</sup>. do Tratado de Limites de 1777, se deveria tirar a linha recta de Nascente a Poente, até encontrar o rio Javary, para extrema daquelles largos sertoes, entre Portuguezes e Hespanhoes, linha que daria á ultima Nação terrenos, que nunca vio, e que a primeira sempre trilhou com incontestavel posse.

Legua e meia abaixo da bahia Puncã, entra pela margem de E no Madeira, o rio Puanema; e 2 leguas mais abaixo pela margem opposta recebe aquelle rio o Macassipé, ambos de curta extensão;

Quasi 8 leguas mais abaixo, e 19 de navegação, contadas da foz do Jamarý, desagua na mesma margem Oriental do Madeira, o rio Giparanã, ou Machado, de igual grandeza ao Jamarý.

Do rio Machado, navegando pouco mais de legua, entra no Madeira pela mesma margem, o pequeno rio Machiní; e com 14 leguas de navegação total, em que se passam as ilhas das Flechas, e do Batuque, se chega á boca do rio das Arraias, de pouca extensão, o qual entra no Madeira pela sua margem de O. Pouco mais de legua abaixo do rio das Arraias, estão as ilhas deste nome, que são 3, e se comprehendem em 2 leguas de extensão; tres leguas abaixo das quaes está a das Paraybas de legua de extensão.

Quatro leguas abaixo da precedente está a ilha Piraya-nará de igual grandeza, defronte da qual desagua na margem Oriental do Madeira o rio do mesmo nome.

Duas leguas abaixo da foz deste rio existe a ilha dos Periquitos, de legua d'extensão; e logo a dos Pagoês de quasi igual grandeza; á qual se seguem, navegando tres leguas, as ilhas de Santo Antonio, que são 3 contiguas. Huma legua abaixo dellas principia a ilha das Minas, a maior deste rio, de 3 leguas de comprimento, e mais de huma de largo, cuja ponta de N. está na latitude de  $6^{\circ} 34' 16''$ , 25 leguas abaixo da foz do rio das Arraias.

Pouco mais de 6 leguas abaixo desta ilha, depois de passada outra pequena, entra pela margem de O. no Madeira, o pequeno rio Baetas; e d'elle, com mais 7 leguas de navegação, se chega á ilha e boca do rio Aruapiara, que desagua no Madeira pela sua margem Oriental.

Quatro leguas abaixo do antecedente, entra pela mesma margem, o rio Araxiá, ou Marmelos, de não pequena extensão, defronte de huma ilha de 2 leguas de comprimento.

Duas leguas abaixo da foz do Araxiá, faz barra na mesma margem Oriental do Madeira, o lago Marucutuba, defronte de huma ilha, cuja latitude he de  $6^{\circ} 5'$ .

Duas leguas abaixo principião as ilhas de Uruapé, de mais de legua de extensão, das quaes faz o rio huma apertada volta para o Poente de tres leguas de navegação, em cujo espaço lhe entra pelo dito rumo, o rio Capaná, o maior que desagua na margem Occidental do Madeira. O Capaná communica-se, com 10 dias de navegação, por hum lago commum, com o rio Porus, grande braço do Amazonas.

Duas leguas e meia abaixo do Capaná principião as 3 ilhas do Jatuáranas que occupão o espaço de 2 leguas em apertada volta; e 3 leguas abaixo da ultima, entra no Madeira pela sua margem de E o rio Manicoré de pequeno curso.

Tres leguas abaixo do Manicoré, entra no Madeira pela sua Occidental margem, passada huma ilha, o ainda menor rio Maurassutuba; e huma legua abaixo, na latitude de  $5^{\circ} 37'$ , existe a ponte de S. da pequena ilha Matupiri.

Tres leguas abaixo deste ponto, faz barra na margem de E. do Madeira, o rio Anhangatiny; e 2 leguas abaixo desta foz, principia a ilha do Jenipaga de 2 leguas de extensão, 2 leguas abaixo de cuja ponta de N., desagua na mesma margem Oriental do Madeira o rio Mataurá, que communica com o rio Canamá.

Duas leguas abaixo do Mataurá está a ilha de Uruá, de 2 leguas de comprimento; e outras 2 leguas inferior a ella, desagua na margem de E. do Madeira o pequeno rio das Aráras, defronte de hu-

ma ilha do mesmo nome de 3 leguas de comprido; huma legua abaixo da qual entra pela mesma margem Oriental o pequeno rio Ariupaná.

Tres leguas abaixo do Ariupaná faz boca na mesma margem o lago Matary, abaixo do qual outras 3 leguas, estão as duas ilhas de José João, que comprehendem o espaço de 2 leguas.

A ilha do Jacaré está 2 leguas abaixo das antecedentes; e defronte della, na margem de Oeste do Madeira, está a boca do lago Ararany, do qual são 2 leguas ás duas parallelas ilhas de Carapuntuba: outra legua abaixo dellas existe a ilha Mandiuba de legua e meia de extensão.

Huma legua abaixo da ponta inferior desta ilha está a boca do Uautás, braço, ou furo do rio deste nome, que entra no Madeira pela sua margem Occidental. Navegando por este furo 11 leguas a Oeste, chega-se a hum grande lago, que fórma muitas ilhas todas ellas cobertas de páocravo em grande abundancia. Neste lago entra o rio Uautás, que além deste furo, e boca que faz para o Madeira, fórma outras duas differentes e semelhantes communicaçoes, porque desagua igualmente no grande Amazonas; a primeira 2 leguas a O. da que faz o Madeira no mesmo Amazonas, e a segunda 30 leguas ainda mais a Oeste, e 2 acima da confluencia do rio Negro no mesmo Amazonas.

Cinco leguas abaixo da dita boca do Uautás, está situada sobre a margem Oriental do Madeira, e defronte das ilhas das Onças, a Villa de Borba, na latitude de  $24^{\circ} 23'$ , e longitude de  $318^{\circ} 7'$ , unico e pequeno estabelecimento Portuguez neste grande rio

De Borba navegação-se 12 leguas, em que se passam, situadas na mesma margem Oriental do Madeira, as bocas dos lagos Jatuaraná, Macacos, do Frechal, Taboca, Cauhintaú, Guaribas, e Ana-

nahá, e as ilhas Trucurané, Pipiuacá, e Uaximé, até á larga boca do furo Tupinambaranas, defronte da ilha Maracá. Este furo he hum braço, que se divide do Madeira, formando com elle, e com o Amazonas, a que sahe, huma ilha de 50 leguas de comprimento, e 20 de largo. Navegando por este furo a rumo geral de E., até sahir ao Amazonas, desagoão nelle seguidamente os rios Cunamá, Abacachiz, Apiquiribó, Magueuaçú que he de grande extensão, formado por muitos braços e largos, em que vive a valente Nação do mesmo nome; — Mogue-merim, Massari, Andiras, e Tupinambaranas: todos estes rios vem do S., e são habitados por outras tantas Naçoens, sendo abundantes em sarça, cravo, cacao, uaraná, e outros effeitos.

A Nação Magué, ou Maué, he a authora da celebre bebida do Guaraná. Este fructo nasce em hum arbusto ou sipó; e he da grandeza de hum grão de bico; he huma especie de pequeno coco, semelhante ás amendoas, com a pele delgada de cor roxo-escuro, e a massa interna, ou coco, branca amarelada. Este fructo torrado, e depois pizado no pilão, se reduz a huma massa, de que se fazem huns páos redondos, como os de cocholate, que ficão durissimos, e se ralão regularmente na lingua do Pirauruci; e lançada huma colher deste pó em agoa com assucar, fica preparada esta bebida, que se usa em Mato Grosso. Atribuem-se-lhe mil contraditorias virtudes; sendo hum grande amargo, he frigidissimo; passa como remedio aprovado para diarrheas, ou bebido, ou em cristeis; para dores de cabeça, e retenção de ourinas: em grande uso relaxa o estomago, causa insomnolencias, e dizem que produz effeitos, que se oppoem á propagação da especie.

A celebre, e valente Nação Tupinambá, que faz do seu idioma particular a lingua geral do Brazil, e que habitava as costas de Paranambuco, Ba-

hia, Maranhão, e do Pará, depois de fazer mortal guerra aos primeiros Portuguezes, que povoavam aquellas largas costas, se retirarão para a alta e extensa serra da Ibiapava, da qual perseguidos, mas não conquistados, emigrarão para os sertões da America, vindo depois algumas Tribus estabelecer-se nesta ilha, a que derão o nome, tirando-se delles amigavelmente muito colonos para as povoações primitivas do Estado do Piaú.

Em fim, da boca do furo Tupinambaranas no Madeira, navegando 14 leguas, em que se passam, além do lago Massurany, as ilhas do Tenten, Capananá, e outras menores, se chega á fóz de 1100 braças de largo, que este grande rio faz no Amazonas, na latitude de  $3^{\circ} 23' 43''$ , e longitude de  $318^{\circ} 52'$ . O rio da Madeira, considerado por todos os lados - não cede a outro algum dos que se comprehendem no amplissimo paiz das Amazonas, e no extenso territorio Luzitano da America Meridional. Todos os expressados e lateraes rios, que recebe, são de facil e concentrada navegação, sendo alguns delles de não pequeno curso, communicando-se, como o Capaná, Uautás, e Mataurá, com outros igualmente grandes. Da mesma fórma, os muitos lagos, que lhe entrão, são de grande superficie. As margens do Madeira, dos seus confluentes, e dos lagos com que se enriquece, são povoadas de densos matos, habitadas por numerosas Nações de Índios, e riquissimas em sarça cravo, baunilha, puxiri, e cacáo, e este ultimo na maior abundancia: muitos dias se navega o Madeira, em que os arvoredos que bordão as suas margens são cacoães. Neste grande rio se podem tirar todas as madeiras, em que abunda a soberba costa do Brazil, tanto para toda a qualidade de construcções, como para obras de marcenaria, e de delicada curiosidade, entre as quaes se encontrão as do maior cumprimento e largura: igualmente se

encontrão aqui os oleos, gomas, rezinas, e outros generos do reino vegetal, esperando que não vivificadora lhes dê novo ser em vastas applicaçoes.

Nas 186 leguas, que se navegão desde a foz do Madeira no Amazonas até á primeira cachoeira de Santo Antonio, se comprehendem, além de outras menores, mais de 30 ilhas de huma, duas, e tres leguas de extensão, cobertas de altos e copados arvoredos; e grandes praias, em que se encontra pasmosa quantidade de ovos das muitas aves, que alli os vão depositar. Neste rio vi eu mais de 40 especies differentes de pescados, todos gratos ao paladar, e muitos de gosto delicado, entre os quas o peixe Boi, ou Manali, e a Paraiba, dão qualquer delles hum bom jantar para 30 homens; depois destes, são de não pequena corpulencia o Piracurucú, o Turuby, e o Jundiá. A abundancia de tartarugas, de 2 arrobas, e mais de pezo, he igualmente admiravel, e de outros amphibios de concha, como Tracajá, Matamatá &c. A caça rasteira e do ar he do mesmo modo copiosa; o que mostra bem a singularidade deste grande rio, com terras firmes, altas e proprias para huma abundante cultura; não faltando nelle os formidaveis Jacarés, que se encontrão aos bandos.

As margens, que fórmão as catadupas deste grande rio, ainda são mais vantajosamente situadas, por ser terreno mais solido, alto, e pingue, que fórmão as doces escarpas das extensas serras dos Parecis; e que guardando em si, além das riquezas privativamente derramadas pelo amplissimo paiz do Amazonas, muitas, e concentradas minas, parece convidar os homens, que se não contentarem com os lucrativos effeitos, que a Natureza alli espontaneamente cria e offerece, com o louro metal, que a avidéz, ou a necessidade das Naçoens politicas constituiu o primeiro valor de todas as cousas.

Finalmente, o rio da Madeira, cheio de tan-

tos e tão ricos effeitos, que gratuitamente offerece a quem os quizer aproveitar, — de facil navegação; — com excellentes terras para huma pingue cultura; — entrando no Amazonas no centro deste vastissimo, e importante Dominio Portuguez; — sendo em grande parte limitrofe entre Portuguezes, e Hespanhoes; — abrindo amplas portas até ao centro do riquissimo Perú, desde as immediacoes da Cidade da Paz até á do Potosi; — offerecendo nas muitas e numerosas Naçoens, que o povoão, tranquillos colonos, e robustos braços, que coadjuvem, e ensinem a colher e prosperar tantas riquezas, logo que se reduzão a viver entre nós, com aquelle carinho e indulgencia conveniente ao seu ainda inculto estado: — sendo finalmente o rio Madeira o unico canal, por onde pôde vir a prosperidade ás duas interessantes e amplas Capitancias do Grão-Pará, e de Mato-Grosso; — parece que este rio, attendendo a tantas poderosas rasoens, se acharia já povoado, ou pelo menos, que haveria vistas tendentes a tão importantes objectos; mas, (com quanta magoa o digo!) succede bem tudo pelo contrario, como se verá no seguinte discurso. (a)

---

(a) Da-lo-hemos no Numero seguinte.

*Para a pag. 92.*


Lugares mais notaveis da Descripção Geo-  
observadas pelos Astrónomos Portuguezes,  
ados nas Demarcaçoens de Limites.

	Latitudes M.			Longitudes.			Variação da agulha.	
	o	'	"	o	'	"	o	'
	16	42	58				zero.	zero.
	17	33						
	17	43					10	30
	18	1	44	320	13	30	10	30
	19		8	320	3	15	10	15
	19	55		320	1	45	10	3
	16	23		320	10		11	44
	16	3	33	320	2			
ara.	15	4	43					
s.	17	19	43	320	50		10	
	16	28	52					
	15	36		321	35	15	9	55
	16	16		321	20	15	9	30
	19	15	16	320	28	18	3	
	18	33	58	322	37	18		
	19	30	14	323	38	45		
	20	5						

## L I T T E R A T U R A.

*Ode Pindarica á SUA ALTEZA REAL.*

*Vós, Príncipe Prestante,  
Deveis olhá-lo com sereno aspecto,  
Como padrão constante  
Da fé, da gratidão, do terno affecto.*

Elp. Non. Od. 29. Ep. 5.

Estrophe 1.<sup>a</sup>

**A**S refulgentes pennas  
He tempo, ó Lyra! de soltar aos ventos,  
Qu' approvão teus intentos  
As filhas do Permesso, aureas Camenas:  
De Cyrtha a Divindade,  
Com impulsos divinos,  
Em soberbo esquadrão de Dirceos hymnos,  
A gloria nos promete, e a eternidade.

Antistrophe 1.<sup>a</sup>

Qual nos campos d'Eléa  
O Cantor das Olimpicas façanhas . . .  
A's terras mais estranhas  
O Heroe leyemos n'afogueada idéa:  
De Regia estirpe seja:  
Que nosso altivo canto  
He digno de causar no mundo espanto,  
Quando rolos de luz lança, e troveja.

## Epodo 1.º

O Príncipe Immortal, qu' o Luso adora,  
 E paz celeste esteia  
 E por quem Ullisséa  
 Suspira sem cessar, e afflicta chora:  
 Conduzamos luzente  
 Té onde vai brilhar Phlegonte ardente.

## Estrophe 2.ª

Cheio de avita gloria,  
 Mais do que teve o Povo de Quirino,  
 O Ramo Bragantino  
 Egregio occupa o Templo da Memoria:  
 No throno Lusitano,  
 João delicias suas,  
 Taubem quebrar podera as meias luas  
 Ensópadas no sangue Tangitano.

## Antistrophe 2.ª

Mas da Virtude ao mando  
 Do Grego Alcides não demanda o passo,  
 Que só hum peito de aço  
 De Marte segue o sanguinoso bando:  
 A Paz, só Paz sagrada  
 O Coração lhe alenta,  
 Té que vê rebentar Gallia tormenta,  
 Para que afia a cortadora espada.

## Epodo 2.º

Bem que o vejamos em baixel veleiro,  
 Com hum denodo egregio,  
 Vir pôr seu Throno Regio  
 No tópe do Brazilico Janeiro  
 Da Patria aos ais, e aos gritos,  
 Lá deixa mais de mil Scipioens invictos.

Estrophe 3.<sup>a</sup>

Os empoados arnezes ,  
 Qu' outrora forão esplendente ornato  
 Ao belicoso trato  
 De novo os vem indomitos Francezes :  
 Os golpes valerosos  
 Dos Luzitanos braços ,  
 Já tem provado retrogrando os passos ,  
 Com que vinhão soberbos , e orgulhosos.

Antistrophe 3.<sup>a</sup>

Junot tumido , e fêro ,  
 Arrogante Massena , e Squit astuto ,  
 Sanguinoso tributo  
 Pagar vierão ao Lusitano e Hiberno :  
 Em vão Plaucio , Vitilio ,  
 Contra Viriato assaltão ,  
 Mais seu valor e intrepidez esmaltão ,  
 Qual a dos Gregos n' arruinada Ilio.

Epodo 3.<sup>o</sup>

Na Roliça , Vimeiro , e no Bussaco ,  
 Ignivomos , ardentes  
 Heroes , virão valentes ,  
 Dignos dos hymnos do Venusio Flacco :  
 Sua fama inda ressoa  
 Nos vastos reinos do flamigero Eôa.

Estrophe 4.<sup>a</sup>

Arapiles , Victoria ,  
 E as grandes praças , Badajoz , Rodrigo ,  
 Do protervo inimigo  
 Na ruina , ganhão perennal memoria :  
 O Corso vacilante .  
 Na tenebroza testa  
 Tredobra esforços , qu' a ambição lhe apresta ,  
 E o coração forrado de diamante.

Antistrophe 4.<sup>a</sup>

Porém do Norte correm  
 Mil bronzeos tróncos, que o trovão vomitão  
 E as hostes precipitão  
 Do feroz monstro, que raivando morrem :  
 As carnes se arpepião  
 A' vista dos estragos,  
 Vendo ferver os espumantes lagos,  
 Dos qu' em pedaços ao negro Orco envião.

Epodo 4.<sup>o</sup>

Já cem naçoens, qu' os ferros arrastavão,  
 O Macedonio jugo,  
 Livres do impio verdugo,  
 Reluzindo em prazer, despedaçavão ;  
 Tal do Corso a despeito,  
 Cedo veremos seu grilhão desfeito.

Estrophe 5.<sup>a</sup>

Talvez que vulgo insano  
 Nos julgue, ó Lyra ! que perdido o rumo,  
 O tempo em vão consumo,  
 Ou qu' errado o baixel lhe largo o pano :  
 Mas os qu' em Pimpla tecem  
 Coroas d' alvas flores,  
 Bem sabem meus alados corredores  
 Que sujicitos, e promptos me obedecem.

Antistrophe 5.<sup>a</sup>

Do horrído monstro em quanto  
 Na Hesperia as hostes tú, Artur, abrazas,  
 Sobre o Brazil em tanto  
 Abre João as fulgurantes azas :  
 Da provida Amalthea  
 Impetuosas correntes  
 Vão fecundar as venturosas gentes,  
 Que bafeja dos Ceos divina Astrea.

Epodo 5.º

Por entre bravos aquiloens gelados,  
    João, Luso Tonante,  
    A' não alta, e possante  
Guardou robusto os combatidos lados;  
    Des qu' avistou veleiro  
O scintilar do lucido Cruzeiro.

Estrophe 6.ª

A dextra costumada  
A suster em bonança o leme de oiro,  
    O Colcido thesoiro  
Não preza tanto, como a gloria herdada:  
    O brio, e a honra augusta,  
    Esmalte ao Luso Throno,  
Tem nos Seculos fiel, constante abono,  
Que ao Nume do Brasil lhe quadra, e ajusta.

Antistrophe 6.ª

Torpe ambição, e inveja,  
Furias crueis, qu' as negras azas batem,  
    Em vão, em vão combatem,  
S' he contra Lusos a infernal peleja:  
    João, dos astros mimo,  
    Aos viz monstros e ao dólo  
Lhe sopêa a cerviz, lhe calca o colo,  
Sendo aos Vassallos perennal arrimo.

Epodo 6.º

Do aurifero Brasil no Solio ingente  
    Detem, ó Lyra! o passo,  
    Que o vento sopra escaço  
De Lybethra na limpida corrente,  
    Quando engrossar mais forte,  
Meu Principe será meu Pólo, e Norte.

*O Professor de Filosofia da Villa Rica.*

*Discurso offerecido aos Bahianos no dia da abertura do seu novo Theatro, aos 13 de Maio de 1812, Dia dos Annos. de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.*

por B.\*\*\*

*Des passions la sensible peinture  
Est pour aller ou coeur la route la plus sure.*

Boileau Art. Poet.

**A**Lterão-se as Naçoens, cahindo as eras,  
Estas dos vicios solapada expira  
Est'outra o crime de seu pezo esmaga ;  
Azia outr'ora mandou o Mundo inteiro ;  
Mas hoje apenas no-lo conta a Historia :  
Quem hoje habita o Egypto, e quem Athenas ?  
Das cinzas de Carthago surge Roma,  
Roma, dos Reis terror, do Mundo espanto ;  
E a Patria dos Catoens patria dos Fabios  
Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.  
Qual a gangrena as carnes apodrece,  
Pouco a pouco as Naçoens os vicios minão.  
Anime o Patriotismo o Rei prudente  
E jamais o Egoismo a Nação toque ;  
Nunca a deslumbrem da victoria os raios,  
Dura hum momento da victoria o brilho,  
Segue o fausto á Grandeza ao fausto a queda ;  
Dos insultos dos Pais os filhos gemem  
E a Historia leva aos seculos vindouros  
Ensovalhado nome apar dos crimes.  
Destruidor Volcão na França estoira,  
E a lava pestilenta a Europa infecta,  
E das voragens novo monstro surge ;  
Tudo he devastação ; horrores tudo ;  
Ao ver Napoleão, Protheo de crimes  
As Bellas Artes, as Sciencias tremem ;  
Já da Grecia a rival se despvoa,

Do Genio as luzes, os prodigios d'arte,  
 Reunidas n'um ponto o Sabio vendo,  
 De Ptolomeo recorda o caso triste.  
 Não, não: de balde o Vandalismo tente  
 Fazer retrogradar do Espr'ito a marcha,  
 Co'a Imprensa Coster segurou-lhe os passos.

O Facho da Discórdia o crime empunha  
 No ar esvoaçando guerra! brama  
 E os roucos sons rimbombão, guerra! guerra!  
 Do bronze os roncões, o tinir das lanças  
 Da Europa com a paz, espanca as Artes.  
 Mimosas Filhas do celeste Pindo;  
 Ceo mais ameno que o da Grecia, cobre  
 Carinhoso Brazil, que a vós se off'rece:  
 Qual a flor em terreno mais benigno,  
 Mais linda mais viçosa ao sol se ostenta,  
 Taes em seu seio brotareis mais bellas.  
 Hum do Vosso Diniz Ditozo Neto  
 O caminho vos mostra, eia segui-o;  
 Do Estro os voos desprendeis afoitas.

Já de Neptuno a sanha e a furia insultão.  
 Soberbas quilhas, tremolando as Quinas.  
 Povos! Se os Luzos, com o invencivel Gama  
 Ao mando do seu Rei debelão Reinos,  
 Hoje o que farão por seu Rei guiados?

Não dos raios da guerra armada a dextra,  
 Não profugo demanda alheios climas,  
 O que as Esferas Rege, e os Reis Domina  
 Hum Novo Imperio levantar-lhe ordena,  
 Quer que nos coraçoes as bazas firme:  
 Que ao lado da pacifica Oliveira,  
 Estreitados em doce, amigo abraço,  
 Embelezem o throno Artes, Sciencias.

Do Amazonas ao Prata a Natureza  
 A nobre pompa sua patenteia,  
 Todas as regioens aqui se enleião:  
 Esta do Globo mais brilhante parte,  
 Do Grão Rei aos Dominios Cabral junta:

Dos Semideozes, que arvorando as Quinas.  
 Do mar remotos terminos quebrarão,  
 Os netos são que as portas lhe defendem,  
 O mesmo brio, e sangue inda os anima,  
 E ao aceno do Rei vereis ó Povos!  
 Albuquerque surgir, surgirem Castros  
 Encarai Portugal, vereis prodigios.

No Novo Mundo vistas a primeira,  
 O' mui feliz Bahia!, a face Augusta,  
 D'um Principe querido, e a regia planta  
 O teu brazão marcou, Bahia exulta!  
 De tão sublime gloria assoberbada,  
 He teu dever mostrar qu'es digna d'ella.

Ah! Se teu Pai, teu Principe te deixa,  
 Mora em seu coração terna saudade;  
 Conhece o seu amor na escolha digna  
 D'aquelle, em quem depoz a gloria tua!  
 He seu, he vosso amigo o Conde Illustre, (1)  
 A quem tu debes quem ignora quanto!

Ao som da sua voz hoje, ó Bahianos!  
 Dos costumes a escola as portas abre;  
 Castigue os vicios aterrando, ou rindo,  
 Goste em Merope a Mãi, da Mãi extremos,  
 E de Medéa ao aspecto, os olhos volte:  
 Ao ver Atréo, de horror o Irmão se errice;  
 Do Amigo as faces Pylades alegre:  
 Amor chore d'Ignez a sorte infausta;  
 Manchando o filho em sangue parricida,  
 Do Fanatismo o horror Matoma inspire;  
 Do ciume o furor Fayel ostente:  
 Que o rizo mofador opprima e corra,  
 A Hipocrisia, a sordida Avareza  
 De baixos coraçoes mais baixos vicios.

Em voz e gestos proprios declamada,  
 A boa Poezia ás almas fale;  
 Que d'armonia os sons o ouvido encantem,

---

(1) O Ex.<sup>mo</sup> Conde dos Arcos D. Marcos.

Que magico pincel a vista illuda.  
 N'um ar bizonho, em acanhados modos,  
 No máo pejo, a decencia não consiste,  
 Quadra sombrio rosto ao criminoso,  
 Ó refalsado ar á Hipocrisia,  
 Desenvoltura da licença he marca,  
 He grave, he lhana da decencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta,  
 Nunca permita maculada scena,  
 Que ofendido decoro afronte o pejo;  
 A punição do crime o criminoso,  
 E da virtude o premio o justo, veja;  
 Saiba o innocente da maldade as tramas.  
 Da boa sociedade o trato honesto,  
 Das Bellas-Artes polidor estudo,  
 Costumes escabrosos amaciem.  
 Nua do som didactico, a Virtude  
 Melhor ao coração no exemplo fala,  
 E a mente deleitando, a scena pôde  
 As normas da moral gravar sem custo.

---

*Tradução de huma passagem do Livro 2.<sup>o</sup> das  
 Georgicas de Virgilio. Por B.\*\*\**

**F**eliz quem da natura as leis conhece,  
 Quem calca aos pés o medo, afronta a morte,  
 Desdenha as sombras de Acheronte avaro.

Venturoso o que segue as leis suaves  
 Das franças, das campestres Divindades.  
 A purpura dos Reis, varas do Povo,  
 A do interesse vóz, que enfrêa o sangue,  
 O Danubio em furor vomite armados,  
 Morrão estados mil floreira Roma,  
 O desejo importuno, o dó penoso  
 De seus dias a paz jámais perturbão.

Jámais aos tribunaes forão seus ecos

De vãos direitos disputar a posse,  
 Na terra, que regou, vê seus thesouros,  
 D'arvore, que plantou se aquece, e nutre.  
 A Neptuno fatigue outro c'os remos  
 Aviltem-se na Corte; o ferro amolem:  
 Que o terror das familias, o guerreiro,  
 Cidades mil saquêe, o sangue entorne  
 Para em oiro beber dormir na purp'ra:  
 Seus thesouros o avaro enterre, e incube;  
 Na tribuna o orador, na scena o vate,  
 Do povo o incenso nutra-lhe a vaidade:  
 Tinto em sangue do Irmão, o Irmão blazone,  
 E vá durar; morrer da Patria longe.

Em paz o lavrador dirige o arado,  
 Com elle a Patria, os Filhos, seus rebanhos,  
 O boi de util trabalho companheiro,  
 Qual seu Pai sustentou, sustentar sabe.  
 Povoalhe o curral do armento a prole,  
 A seara os celeiros lhe enriquece,  
 Dê Pomona com os dons os cestos vergão,  
 E d'outono os calores bem fazejos  
 Os perguçosos cachos lhe assucarão,  
 Na gelada estação ressentido o outono,  
 Gratas seus dons as arvores lhe of'recem,  
 Corre o azeite gostoso em fios de oiro.

Pendem do colo seu, beijos lhe pedem,  
 Sua maior riqueza, os seus filhinhos;  
 Reina o pudor na mui frugal familia.

O doce leite escuma entre os seus dedos:  
 Os cabritinhos com as nascentes pontas  
 Sobre a relva brincoens, saltando marrão.

Das festas repartir sabe o descanço  
 Entre o devoto cultó, e prazer util:  
 Promete premios ao sagaz, ao forte,  
 Este mostra na luta ardil e força,  
 E na carreira aquelle alcança a meta,  
 Com grito vencedor os ares fere.

Na innocencia os Sabinos taes vivião:

Dos soberbos Toscanos a potencia  
D'esta arte se augmentou , d'esta arte Roma ,  
Hoje dos homens arbitra , e do Mundo ,  
Deve ás rusticas mãos seu vasto imperio.  
Dias da idade d'ouro , amenos dias !  
O' costumes campestres , são costumes !  
A grei sem dono , sem tirano os homens ,  
Em paz vivião ; o clangor da tuba  
Não conglobava furibundas hostes :  
O' oiro corruptor , ferro homicida ,  
Motor , arma das guerras , vós não tinheis  
Corrompido , assolado a madre terra.

*Pela occasião de ser nomeado Vice-Rei dos Estados da India o Excellentissimo Senhor Conde de Palma apparecerão os seguintes Sonetos em Villa Rica.*

S O N E T O.

**Q**ual, a quem ferio Jove, em pasmo fica,  
Do ser da vida em horrido quebranto,  
He d'est' arte, Senhor, que em magoa, e em pranto  
De seus braços te sólda Villa Rica.

Nos labios prêsa a voz, que a dor explica,  
O peito negro qual da Noite o manto,  
A tanta perda, a sacrificio tanto,  
Em vão o allivio busca, em vão o applica.

Seu thesouro melhor se vai contigo;  
O Pai em ti lhe leva o Fado ingrato,  
Em ti lhe leva o Bemfeitor, o Amigo.

Teu rosto, ah! sim nos rouba, e doce trato;  
Mas não nos rouba tudo o fado imigo,  
No peito inda nos fica o teu retrato.

*Hœrent infixi pectore vultus.*

*Eneid. L. 4. V 4.*

*Por A. da R. F.*

S O N E T O.

**S** Eculos tres ou mais , já são passados ,  
Depois , que o claro Indo , em aurea fama ,  
Aos Lusos franqueou affeito Gama  
,, Por mares nunca dantes navegados. ,,

Ainda os Louros , desde então cortados  
Na magestosa Fronte Lysia enrama ,  
E ainda Delio n' alma Lyra acclama  
,, As Armas , e os Varoens assignalados. ,,

Tu , Mascarenhas , d' Outro vens , que a Historia  
N' alta Díu celebra , e que á porfia  
,, Teve os troféos pendentes da Victoria. ,,

De ti o Indico Imperio o Augusto fia ;  
Saudosos te veremos hir com gloria  
,, A ver os berços , onde nasce o Dia. ,,

1.<sup>a</sup> , 25.<sup>a</sup> , e 27.<sup>a</sup> Oit. do Cant. 1.<sup>o</sup> das Lus.

*Por J. J. da S. G.*

## G E O G R A F I A.

*Memoria sobre a Capitania do Seará, Escrita de Ordem Superior pelo Sargento Mór João da Silva Feijó, Naturalista Encarregado por S. A. R. das Investigações Filosoficas da mesma Capitania.*

## Introducção.

**H**E necessario ter muito pouco conhecimento do Fizico da Capitania do Seará para duvidar das immensas vantagens, que ella pôde produzir em utilidade dos seus habitantes, augmento do seu Commercio, e prosperidade geral do Estado: assim me tem persuadido a continuada observação, que tenho feito sobre o seu Fizico, e Moral por espaço de onze annos successivos, em razão do meu officio; eu passo pois a discorrer sobre este importante objecto, o mais resumido que me for possivel, na presente Memoria, a que me proponho.

Para dirigir-me methodicamente nesta minha empreza, penso dever ter em vista estes tres pontos essenciaes: a Corografia do Pais; o seu Fizico; e o seu Politico; rezervando porém para hum mais extenso, e circunstanciado tratado, o particularizar cada hum delles; e eis-aqui pois o que vai a fazer o objecto de outros tantos artigos do presente discurso dictado não com outro fim, que o de apontar huma sabida verdade, para suscitar huma efficaz emulação á emprehender-se tudo quanto for para augmento, e prosperidade desta Capitania.

## ARTIGO I.

*Da Corografia do Seará.*§ 1. *Situação Topografica.*

**O** Seará he huma das extensas Capitánias do Continente do Brazil, situada ao ONO do Cabo de S. Roque, entre as Capitánias do Maranhão, Piauí, e Rio grande do Norte, ente  $2^{\circ}\frac{1}{2}$  e  $5^{\circ}\frac{1}{4}$  pouco mais ou menos de latitude meridional, e as longitudes  $336^{\circ} 50'$ , e  $344^{\circ} 50'$  pelo meridiano do Ferro.

§ 2. *Limites.*

Serve de limites, ao NO, huma dilatada costa de mar de 146 leguas, que decorre na direcção absoluta de ESE para ONO, desde a foz do Rio Monseró até a do Igaracú, hum dos braços da Parnaíba; pelo SO, huma extensa cordilheira, denominada a Serra grande, que nascendo junto á costa do N. onde se diz Timonha, onze leguas a E do Igaracú, se vai estendendo, em huma curva, para SE, segregando-a da Capitania do Piauí até os Cariris novos, na Serra do Araripi, com a extensão talvez de cento e cincoenta e cinco leguas; e pelo lado SE em fim as costaneiras desta Serra do Araripi, conhecidas com os nomes de Serras de Luiz Gomes de S. José, do Camará, e de S. Sebastião, e huma dilatada Mata espessa de pouca altura denominada = Catinga de Gois = que da Serra de Sebastião decorre até o Rio de Monseró; duas leguas pouco acima da sua foz, cuja linha limitrofe, que separa esta Capitania da do Rio grande, terá cento e dez leguas de extensão, e na direcção de ENE para OSO.

### § 3. *Extensão da superfície.*

Nesta posição pois, geometricamente considerada a sua superfície, pela comprehensão das tres linhas imaginadas, e produzidas dos tres pontos = foz do Igaracû, foz de Monseró, e a Serra dos Cariris novos = ter-se-ha hum polygono, que reduzido trigonometricamente a leguas quadradas dará por hum calculo de aproximação o resultado de seis para sete mil leguas de extensão.

### § 4. *Configuração do Terreno..*

Este terreno principiando baixo, e quasi alagado, em muitas partes da costa do mar se vai elevando dalli a cinco para oito leguas, como em amphitheatro. á proporção que caminha para o interior, e se afasta da mesma costa, até chegar áquella cordilheira da Serra grande tendo alli talvez de elevação absoluta, sobre a superfície do mar, de trezentas para quatrocentas toezas,

### § 5. *Direcção da Serra Grande.*

Persuado-me, e não sem fundamento, que esta mesma Serra, que desde a sua origem na Timonha, até os Cariris, toma diversas denominaçoens, como Serra da Ibiapaba, de Biapina, dos Cocos, do Cratiux, e do Araripe, e continuando a decorrer até Pernambuco, vem a formar aquellas duas pontas de terra, ou cabos, que se conhecem com os nomes de S. Roque, e S. Agostinho.

### § 6. *Principaes Montanhas.*

Entre as montanhas, que poyoão aquelle vasto terreno da Capitania do Seará, são as mais recomendaveis pela sua frescura, depois da Serra gran-

de, a de Bateritê, e suas adjacentes, a de Uruburetama, e a da Moruoca; e entre ellas se encontram planices mais, e menos extensas, particularmente nas margens dos rios, e a que se chamão vargens; cobertas de Carnaubais e algumas matas, mais ou menos dilatadas, entre as quaes de ordinario se notão muitas lagoas de agoas doces, e com especialidade, e mais abundantes, á beira mar.

### § 7. *Sorte de Solos.*

A' vista do que se pôde dizer que esta Capitania compoem-se de tres partes de solos = Beiramar, Montuozo, e Sertão, ou parte Central: e todos estes são retalhados por immensos vales ou ribeiras, e ainda que seccas, constituem com tudo os seus diversos rios; digo seccos, porque só levão agoa corrente na estação das chuvas, entrando porém pelas suas bocas successivamente as marés até quatro ou cinco leguas acima da foz, sendo os principaes destes rios o de Monseró, o de Jagoaribe, o do Pacoti, o do Seará, o do Coru, e o do Cammassim.

### § 8. *Enseadas e Portos da Costa.*

A grande extensão da costa desta Capitania offerece muito boas, e vantajosas enseadas, e barras de rios para commodo surgidouro de embarcaçoens, ainda até hoje porém pouco examinadas, e sondadas, sendo entre ellas as de não pouca consequencia, a de Monseró, do Aracati, do Iguape, do Mucuripi, e Fortaleza, a do Parazinho, a de Tapagé, Curu e Cammassim, onde os seus bons fundos, e os ventos, que soprão sempre ao correr da Costa, afianção a segurança dos seus ancoradouros.

## ARTIGO II.

*Do Físico.*

## § 9.

**S**EM me cansar em discorrer agora sobre o que diz respeito ás marés, e correntes das lagoas na quella costa, não posso deixar de tocar sobre a sua athmosfera, meteoros, climas &c. antes de passar a nomear as suas produccoens naturaes,

§ 10. *Do ar em geral.*

O ar he calido, e humido; porque a sua athmosfera he cheia de calorico, e de vapores aquosos; com tudo, porque estes se achão, por isso muito rarefeitos, e carregados de muita materia de luz em razão da elevação da Equionocia &c., as noites alli são claras e o Luar encantador, particularmente no Verão, em que se observão repetidas exalaçoens.

§ 11. *Do Clima e Estaçoens.*

O clima alli em geral não he dos mais contrarios á saúde, pois que constando de duas únicas estaçoens — Estio, e Inverno, ambas são de si mesmo suportaveis pelo equilibrio da economia animal, a pezar dos effeitos que se sentem.

§ 12. *Do Verão.*

O verão he sem duvida a estação a mais longa, porque começa commumente em Junho, e termina em Dezembro, he caracterizado pela falta absoluta de chuvas, a não serem alguns pequenos aguaceiros de pouco proveito; e he por isso muito

calido, e o Sol intensissimo, de maneira, que faz reduzir a pó, em poucos dias, a maior parte dos vegetaes; e seria insurpotavel aos animaes, á não ser a grande extensão, e frescura das noites, em que o orvalho he abundante, com particularidade nas serras, e montanhas, respirando-se então hum ar sereno, e agradável, ainda mesmo no interior dos sertoes, onde chega muita parte daquella humidade da athmosfera da beira mar, levada, para moderar este rigor geral do clima, pelos ventos, que então sopráo regulares e rijos; sendo de notar que só apparecem estas ventanias, quando o Sol se vai aproximando a huma perpendicular, e que por isso o calor he mais intenso, quero dizer das nove horas da manhã, ás cinco da tarde.

§ 13. *Causas que moderão o seu calor.*

Não concorrem pouco tambem para moderar alli a grande intensidade do calor, e augmentar a humidade da athmosfera, as matas, de que he povoada grande parte do paiz, particularmente á Beira mar, e Serras, cuja folhagem sempre verde, e viçosa tem a propriedade de absorver muita parte dos raios do Sol, moderando assim o seu vivo effeito.

§ 14. *Do Inverno.*

A estação chamada do Inverno, porque he quando chove, ou he o tempo das chuvas, he a menos dilatada por quanto começando communmente em Dezembro termina em Maio ou Junho: digo communmente, porque muitas vezes se passam estes mezes, sem chover, ou geralmente por toda a terra, ou em quantidade sufficiente para a perfeita vegetação, o que occasiona então as secas, e as fomes, e até mortandade de animaes de toda a especie.

§ 15. *Suas Chuvas.*

Nestes mezes comtudo, sendo bons Invernos, nem sempre chove, aparecendo dias claros, e bellos; particularmente no mez de Fevereiro he que se pôde com muita propriedade dizer que he a Primavera do Paiz, sendo porém os outros mezes mais ou menos chuzozos, sobre tudo Janeiro, Março, e Abril, em que os Rios enchem de maneira que impedem o seu transito, arrancando, e levando em seus aluvioens grandiozas arvores, penedos pezadissimos, e quantidade de animaes, que encontrão.

§ 16. *Seu menor calor.*

Nesta estação pois do Inverno, he o calor menos activo, talvez porque está o Sol então mais obliquo, e quasi sempre entre nuvens, e o ar mais humido; porém como então faltão as ventanias do estio, por serem os ventos outros, e poucos, succede que ás vezes está tudo em calmaria, e sem a menor bafagem, sendo por isso o calor mais incommodo do que no verão.

§ 17 *Humidade da athmosfera, e seus effeitos.*

A grande humidade, de que a athmosfera está cheia, procede não menos do calor que occasiona huma continuada evaporação, o que deverá fazer mudanças notaveis na economia organica, de que procedem certos males consideraveis, particularmente nas plantas, cuja vegetação, naquelle clima, he fraca, e debil, que por isso quando as chuvas são muitas ficão de ordinario como tostadas &c., e como succede nas superficies dos metaes, com especialidade do ferro, e do aço, que de continuo se enferrujão apesar de todas as precauçoens. Daqui vem a differença, que ali se observa no decurso

do anno, por exemplo á beira mar, no thermometro de Reaumur; sendo esta differença communmente em Setembro e Outubro, de 3 para 4°, visto que sobe de 27, para 28° quando o calor he mais forte descendo, no Inverno a 23 e 24°, o que no sertão com tudo se verifica não só relativamente ás duas estaçoens, mas ainda, em os diversos pontos do dia, excedendo ás doze horas, pelo commum, ao termo de 28°, havendo estado pela madrugada, em 23°  $\frac{1}{2}$  com pouca differença; o que sem duvida se deve attribuir á extensão, e frescura das noites, em que se não deixã de sentir frio, a ponto de se buscar o calor das fogueiras, e muito mais sensivel nos lugares altos, e montanhosos e á margem dos Rios, com particularidade nos dous mezes de Maio e Junho.

#### § 18. *Causa da differença do calor.*

Donde parece que se deve attribuir esta differença, a respeito dos grãos de calor, já á circulação livre que o ar ali tem, e já á irregularidade dos ventos que sopraõ despidos daquelles principios salinos, e gazosos, que embeberão, e deixarão á beira mar, vindo por isso a produzir naquelles lugares do interior menos accidentes, e mudanças, sobre a economia animal, e vegetal, como he constante. Donde se vê que o clima do Seará hade ser em muitas partes mais temperado, e salutifero, do que se supoem, pela sua posição geografica.

#### § 19. *E das doenças do Paiz.*

Do que se acaba de expender até aqui, collige-se, que a este calor quasi sempre o mesmo, á esta excessiva humidade do ar que se respira e á natureza particular emfim dos alimentos, de que se usa. no Paiz, são devidas certamente as suas

principaes enfermidades; o que deixo de mostrar por me não fazer tão difuzo.

§ 20. *Qualidade Fizica do Terreno.*

Tendo dito que em tres sortes de Solos se deve considerar o terreno da Capitania do Seará quanto á sua superficie, isto he em Beira mar, Montanhoso e Sertão, discorrendo agora sobre o seu Fizico, digo que he em geral hum Terreno Volcanico, composto de massas irregulares de lavas; e outras substancias terreas primitivas mais ou menos alteradas pela força do fogo, constituindo o seu amago ou nucleo universal huma rocha viva, azulada, saxoza, vitrescente, e durissima.

§ 21. *Sua construcção interior, e produçoens do Reino Mineral.*

Observão-se á beira mar, que disse era baixo, e quasi alagadõ, camadas argilozas de diversas cores, mais ou menos puras, sobrepostas em bancos de *cos*, ou pedras molares, e cobertas de ordinario de comoros de arêa solta, que os ventos de continuo movem, e transportão de huns para outros lugares, com não pequeno prejuizo das embocaduras dos Rios onde commummente se formão bancos de arêa, que impedem ás embarcaçoens o seu transitq.

§ 22.

Em outras partes se descobre este *cos*, ou pedra molar mais ou menos consolidado até mesmo no simo da Serra grandê, e algumas vezes cheia de conglutinaçoens de fragmentos de ostras petrificadas; do mesmo modo se notão dispersas grandes massas de pedras, ou rocha viva, ou em pedaços ou em volumes immensos, constituindo a superfie

pie da maior parte das montanhas isoladas, em cujos vertices se notão de ordinario antigas *cratêras* volcanicas afuniladas, que provão terem sido produzidas de irrupçoens subterraneas, encontrando-se nellas muitas sortes de lavas basáltes, e schorls, huins vagos, e outtos engastados em cristais de quartzos brancos &c.

### § 23.

Não são menos frequentes, nestas montanhas do interior do Paiz, entre as camadas das Argilas, os veios de Amiantos de muitas especies, terras bullares de diversas cores, a Mica, o Espato calcario, a pedra pezada, o Espato Fluor, os Cristais montanos, as Amatistas, mais ou menos coradas, e apinhoadas, as granadas volcanicas, e por isso sem luzimento nem solidez.

Não são também raros nas abas da Serra grande os *Elites*, cheios de *oxides* de todas as cores.

### § 24. Da Pedra Calcaria.

Apezar de todas as minhas diligencias, já mais pude descobrir á beira mar vestigio algum de pedra calcaria, a não ser aquella conglutinação de ostras, sendo por isso alli precaria a cal para os edificios, com tudo para o interior na distancia de 6 a 20 leguas a encontrei em grossos bancos mui compacta, e da natureza da que chamão Pedra Porco.

### § 25. Raras Petrificaçoens.

Nota-se na Serra dos Cariris, onde se diz Milagres, oitenta leguas, para mais, longe do mar, e naquella elevação, as mais raras, e curiosas petrificaçoens vagas de peixes, e de muitos generos de amphibios, e alguns de grandeza de quatro

palmas, incluídos como em huma especie de *Étites*, de sustancia calcaria, em cujo amago se observa o animal totalmente perfeito, e reduzido interiormente a huma cristalização *spatoza*.

### § 26. *Ossada fossil.*

Não he menos para notar-se a grande quantidade de ossada fossil de grandioso tamanho, como vertebras, costelas, femures, que se encontrão perto daquella Serra, para onde se diz *Cronzó*, em huma lagoa denominada da Catharina. Que exemplos pois para suas provas não deduzirão destes objectos os Sectarios do celebre *Systema de Buffon*; não menos para aquelles Naturalistas que se persuadem que se não podem petrificar as sustancias moles, ou carnosas dos animaes?

### § 27. *Terra Vegetal.*

Por ultimo todo o terreno em geral he coberto mais ou menos de huma codea de terra vegetal, ainda mesmo á beira mar donde provém a actual fecundidade daquelles terrenos areentos, á primeira vista aridos, e seccos; e á proporção que se caminha para o interior do Sertão, observa-se nas escavaçoens dos Rios que esta camada de terra vegetal se augmenta em espessura, e cor preta; a qual não póde deixar de ser devida á dissolução continuada da immensidade de folhagens, e das mesmas arvores, que pelos ventos, ou velhice, tem cahido, e apodrecido, visto que se não póde duvidar que huma tão grande quantidade ha tantos Seculos accumulada não possa produzir huma mais grossa camada.

§ 28. *Minas de Ouro.*

Nestas mesmas montanhas não são pouco comuns vestígios de Ouro, pois que se encontra em algumas embetas de *taoás* e Vieiros de Cristal, assim como solto, em particulas mais, ou menos subteis, pelos riachos, misturado com o Esmeril, e entre cascalho, e alguma vezes em folhetas de mais de  $\frac{1}{8}$ .<sup>a</sup> de pezo, sendo o mais superior, em qualidade, o do lugar do Juré, perto da Villa de Sobral, e o das antigas lavras da Mangabeira, no Districto da Villa do Icó, e o mais ordinario; pela côr desmaiada, o que se encontra no sitio denominado Curumatan.; a falta porém de agoas correntes, he o maior dos obataculos ao seu aproveitamento, quando este fosse permitido.

§ 29. *Minas de Ferro.*

O Ferro geralmente se encontra por infinitas partes da Capitania, e em muito ricas minas, assim como em lugares accomodados para o trabalho da sua extracção.

§ 30. *Minas de Cobre.*

Na Serra grande da Ibiapava na ladeira que se diz Acape, ha humas antigas escavaçoens, donde se extrahia huma mina, que alli ha de Cobre, na persuasão de ser Prata, cujo trabalho decahió depois de conhecido o engano, e talvez por se haverem consumido dinheiros sem proveito, como he constante entre aquelles habitantes. Esta mina de Cobre se encontra em estado de *sulfate*, em veiros, em huma pedra cinzenta, vitrescivel, e rija, cujo banco decorre para o SE, até onde se chama Ubajara; e alli entranhando-se pela Serra, vai apparecer seis leguas ao O da Villa Nova de ElRei,

no lugar, que se chama *Carcandas*, já pertencente a Piauí donde os habitantes extrahem este metal, de que se servem para obras de arreios, na persuasão de ser prata: esta mina merece particular attenção pela sua qualidade e importancia do metal, tanto mais porque com effeito me persuado conter tambem a matriz alguma porção de Prata

### § 31. *Minas de Plumbagina.*

Da mesma sorte parece digna de se aproveitar outra Mina de *Plumbagina*, que, além de outras deste semi-metal, se encontra nas abas das Serras dos Cocos, onde se diz Descida da Mina, a qual he alli havida pelos habitantes por Mina de chumbo,

### § 32. *Nitreiras naturaes.*

Não são menos consideraveis as multiplicadas, e abundantes Nitreiras naturaes, que tem aquella Capitania, e tanto maiores, quanto se caminha para o Piauí: da mesma sorte se encontrão outras de Pedra Humi sendo a mais rica dellas, a do lugar do Taoha, Destricto da Villa Nova do Principe; porém distante da Capitania mais de oitenta leguas.

### § 33. *Salinas.*

Finalmente offerece a provida Natureza, por toda a extensão daquella costa, multiplicadas, e ricas Salinas naturaes, de que se não tira mais sal, que a porção, que se consome no Paiz.

### § 34. *Produccoens vegetaes.*

O terreno da Beira mar, que eu disse ser baixo, e alagado em muitas partes, he cortado de vallas, a que chamão *Cambeas*, povoadas de *Manã*

guas, que se cobrem, e descobrem successivamente, pelo fluxo, e refluxo do Mar; em muitas partes se notão matas e em outras não ha huma só arvore, não se observando mais do que escalvados comoros de areias soltas, e em outros lugares em fim alagadiços muito cobertos de verdura.

### § 35. *Das Matas.*

Desde estas terras baixas, caminhando para o interior, se observa o terreno geralmente coberto de infinitos vegetats, que servem de sustentar a milhares de animaes de toda a especie; estas plantas offercem individuos infinitamente differentes entre si, e alguns tão novos como exquisitos, e particulares. Do mesmo modo se descobrem as montanhas geralmente cobertas de matas, mais ou menos elevadas. Nota-se muitas vezes operar-se a vegetação nestes individuos, sem sensivel interrupção, pela uniformidade do clima, e temperança do paiz, por quasi todo o anno; sem embargo do que as grandes seccas do Verão não deixão de diminuir, de alguma sorte, esta força de vegetação, com particularidade nas plantas herbaceas que quasi todas perecem, não havendo a precaução de as regar; e que com tudo não succede ás arvores, ainda que nesta estação muitas dellas cheguem a perder de todo as suas folhas: mas ás primeiras chuvas do Inverno toda a Natureza se reanima e toma hum novo vigor cobrindo-se tudo de verdura até os lugares mais aridos.

### § 36.

Supposto que pareça esta vegetação mui activa, logo no começo do Inverno, com tudo estou certo que não he tão vigorosa como na Europa, pois que sendo ella aqui quasi continuada, geralmente por todo o anno, deve ser mais fraca do que quan-

do he periodica , e por isso as plantas devem es-  
em hum estado de frouxidão , e fraqueza.

§ 37. *Frutificação das arvores e arbustos.*

Todas as arvores de ordinario frutificação hu-  
só vez por anno , á excepção de algumas exoti-  
cultivadas , como as de Espinho , a Parreira , a  
gueira , a Romanzeira &c. , cujas tres ultimas es-  
cies prosperão como na Europa : as videiras sol-  
tudo sendo bem podadas dão uvas duas , e t-  
vezes por anno mas estas nunca chegam a hu-  
perfeita madureza ; a figueira , que he de facil cu-  
tura , dá figos indistintamente todo o anno . mas  
discuriosidade faz que todas estas plantas sejam a-  
raras : he provavel que tambem alli vegetem ,  
prosperem muitos dos outros arbustos da Europ  
como a pera , o pessego , o marmelo , &c. ass  
como tenho visto prosperar algumas amoreiras.

§ 38. *Das Ortuliças.*

Não vem menos boa toda a sorte de hortaliça  
da Europa , até a mesma Batata Ingleza o Aipi  
o Celiri , a Pimpinela , a Senoura , &c , tudo em fi  
alli se cria tãobem , como em Portugal , a excepç  
das cebolas , que são pequenas.

§ 39. *Produçoes das Plantas Indianas.*

As arvores e plantas fructiferas da India pro-  
perão alli como se fosse aquelle o seu Paiz ; ta-  
são as Mangueiras , as Jaqueiras , o Caffé , a C-  
neleira , o Gingibre &c.

§ 40. *Arvores particulares.*

Nas matas se encontrão excellentes arvores, como Cedros, Angicos, Aroeiras, Paos de arco, Rabuges, Pequeás, Jucás, Gitahis, Massarandubas, &c. importantissimas pela qualidade das suas madeiras e cores; não só para a construcção mas para todas as obras de Marcineria, e Tinturaria, e para outras artes, ou seião no aproveitamento de suas madeiras, ou de suas feculas corantes, ou finalmente suas gomas, rezinas, oleos &c.

§ 41. *Não são interessantes para construcção naval.*

As melhores e mais corpulentas madeiras e por isso aptas para a construcção naval, são para isso inuteis pela grande distancia, em que se achão as melhores, longe dos Portos de mar, e a difficuldade de seus transportes; comtudo o Violete, o Gonçalo Alves, a Rabuge, e outros similhantes deixar-se-hião aproveitar para o Commercio subministrando-lhe lucrativo lastro para as embarcaçoens nacionais que navegão para Europa carregadas de algodão, pois que por falta disso são obrigados a comprar para seus lastros o ferro em Inglaterra e desta sorte aproveitar-se-hia immensa quantidade desses madeiros, que o fogo dos abusivos roçados annualmente consome, e de outras que se desperdição.

§ 42. *Prestimo de outros vegetais. E de suas producçoens.*

Além destas Madeiras, não são menos importantes outras producçoens vegetais, que tem o Paiz, e que podem ajudar a contribuir outros ramos de Commercio proveitozo, e de que até hoje de certo se não tem tirado partido algum, taes são muitas

substancias gomozas, rezinas e oleos, &c., que diffuem das arvores; e se perdem por aquellas dilatadas matas, e sertoens; muitas raizes e cascãs vegetaes utillissimas humas á Medicina, como a Soldanella, o Mechoacan, a Purga de quatro patacas, o Vellame, a Hipecacuanha branca, o Barbatimão, a Quina quina do Paiz, a importante spigelia ou lombrigueira; outras para a Tinturaria, como seja o Marmeleiro branco, o Jatahi, a bem conhecida Tatajiba para o amarelo; o Pau branco, o Pau Pereiro para o vermelho, o Pau Ferro, e o Jucá para o preto, em lugar do Campeche &c.; outras para filças, como sejão os diversos carotás, muitas plantas das familias das malvaceas, e palmeiras, e embiratenha &c., sem comtudo esquecer-me da grande quantidade de Potaça, e Barrilha, que se pó le ali preparar, e obter pela simples combustão de muitos vegetaes superfluos, e de mangues de todas as especies, que alli ha. He o que finalmente me persuado ser sufficiente dizer sobre este artigo, visto que quanto aos animaes he sabido que delles não he aquella Capitania menos abundante que as outras suas vizinhas, sobre tudo no que se diz Caça, e Pesca: por tanto passo ao ultimo Artigo.

*Continuar-se-ha. no N.º 27*

*Exame da Resposta defensiva e analytica á Censura,  
que o Redactor do Patriota fez ao Drama inti-  
tulado o Juramento dos Numes, &c.*

*Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus.*  
Horat.

**S**endo as questoes litterarias de grande utilidade para o augmento dos conhecimentos, porque nellas se apura, e elucida a verdade, ellas se tornão absolutamente estereis, quando, em vez de tenderem a este fito, ostentão hum espirito de disputa, tão damnoso aos progressos da litteratura; e até vem a ser condemnaveis e puniveis, quando, dirigidas mais ao homem que ao escritor, atacão o respeito do Publico, e faltão á decencia, que segundo *Quintiliano* faz a parte principal da arte, e dão o spectaculo ridiculo de litteratos, que se dilacerão em lugar de instruir-se. O Sabio *Penelon* nos deu a norma de semelhantes contestaçoens nos seus excellentes dialogos sobre a eloquencia. As suas expressoens são as seguintes. „ Evitaremos em primeiro lugar o espirito de disputa: examinaremos esta materia soceadamente, como homens que sô temem o erro e faremos consistir a nossa honra em desdizer-nos, apenas conhecermos que nos enganámos. „ Se o meu adversario respondeu desta maneira o leitor decidirá. Quanto a mim, costumado a não abusar da indulgencia do Publico e a guardar escrupulosamente o decoro nos meus escritos, seguirei quanto poder o preceito do illustre Arcebispo de Cambray, e se não conseguir a satisfação de agradar terei o prazer de evitar o fastio.

Outro preceito, que me proponho ter em vista, he a brevidade. Questoes pela maior parte frivolas, e que apenas descobrem a acrimonia de quem

as estabeleceu, ou não merecem resposta, ou vem ser brevemente tratadas. O primeiro pido seria o melhor, se a ignorancia offendida se prevalecesse desta circumstancia, para offuscar não a minha reputação litteraria, que nenhuma, mas as qualidades pessoas de hum homem publico. Esta certeza me poem na penosa obrigação de dizer poucas cousas em resposta de huma Obra que o Author julga bastar para sua gloria. Infelizmente para mim, os tristes effeitos de huma peiorissima enfermidade havendo suspendido a minha penna, esta forçada demora foi hum titulo mais para augmentar a philautia daquelle Escritor, e o azo a insulsos e repetidos sarcasmos. (1) Esta succincta resposta não tem por fim captar elogios e merecimentos, nem tão pouco a admiração dos ignorantos. Folgarei de conseguir a indulgencia dos poucos, seguindo o conselho de *Horacio*:

*Neque te ut miretur turba labores -  
Contentus paucis lectoribus. An tua demens  
Vilibus in tudis dictari carmina malis?  
Non ego. Nam satis est equitem mihi plaudere. &c.*

Começa o Author, duvidando do numero de Redactores do Patriota. E ainda que se dirija immediatamente a hum só, causão-lhe embaraço expressoens *fixarmos entraremos, podemos &c.* O Poeta devia saber que he muito ordinario nos criticadores empregarem o verbo no plural, quando falam de si; e isto he tão vulgar que na Grammatica de Moraes se acha esta construcção no artigo

---

(1) Of all the causes, which conspire to blind  
Man's erring judgement, and misguide the mind  
What the weak head with strongest bias rules  
Is *Pride*, the never-failing vice of fools.

Pope.

Syntaxe de Regencia, e não no da figurada. O Poeta tem tanta noção dos classicos Portuguezes, que lhe faria injuria em apontar exemplos. A mesma perturbação *grammatical*, como elle diz, he frequente nos bons Authores. Lembro-me de Jaciuto Freire — *Escreverei a vida . . . e ajudaremos com este pequeno brado, &c.* Vieira disse em huma carta — *a minha chegada verdadeiramente foi arriscadissima, mas já a Deus graças estamos livres de perigos de mar.* Destes exemplos se encontram a cada passo.

Na sua affectada lingoagem declara que he empuxado a sahir a terreiro. Quem o empuxa? (1) Podia eu acaso ser mais comedido, ou mais indulgente? Pensa o Poeta que em menos de duas paginas caberão todos os seus defeitos? Obrigado a dar huma idéa da Obra em questão, que exposição mais vantajosa podia elle esperar? Não desperdiçarei o tempo, considerando as empoladas expressoens — *as imperiosas circumstancias, da minha escassa gloria* nenhumentemente abalada pelo seu reparo critico, &c. (2).

*Quid dignum tanto feret hic promissor hiatus?  
Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.*

Encontro logo huma falsidade; cousa bem ordinaria nesta Obra. O Poeta affirma que eu disse ser inutil o trabalho, que tomou na composição do seu Drama. Lea-se o segundo paragrafo da minha censura, e ver-se-ha que *este trabalho* não pô-

i

---

(1) At ev'ry trifle scorn to take offense,  
That always shews great pride, or little sense.  
Pop. Ess. on Crit.

(2) Aqui me parece que se pôde bem applicar  
aquelle verso de Boileau

*Et ces riens enfermés en de grandes paroles.*

de referir-se senão a *fixármos a nossa attenção* seu desempenho, e nenhumamente (aproveitemos te novo adverbio) á composição do Drama. a não posso chamar trabalho inutil porque ig quaes fossem os seus fins, e quaes as suas va gens. Não notarei o adjectivo Dramatical: he huma licença — *Pictoribus atque Poetis &c.*

Aperta-me o Poeta para que lhe explique que entendo por Poema Dramatico e Lyrico, nominação, que tanto escandalisou os seus ouvi Nunca me pareceu que alguém compozesse, e *nibus nervis* disputasse a immortalidade, em l genero, que não conhece. Se eu tivesse abunda de livros para cita-los sobre cousas muito sabid encheria agora muitas paginas, porém contento com hum só. Este he a *Encyclopedia Methodi* na excellente parte da Litteratura, conhecida e peitada pelos eruditos, e illustrada com os no de Sabios consumados. Leio o artigo *Poeme lyriq* Tomo a liberdade de traduzir as passagens, me parecem mais accommodadas, pela honra que Poeta faz ás minhas traducçoens do Francez. „ Italianos (começa o artigo) tem chamado ao P ma lyrico, ou spectaculo em Musica, Opera este termo foi adoptado em Francez. „ Neste a go se lem magistralmente tratados os dois mom tos bem distintos do *drama lyrico*, a saber, o m mento tranquillo e o momento apaixonado; siti çoens, que produzem o recitativo e a aria. E estou persuadido que alli se aprende como e qu do tem lugar as arias, que de ordinario se seme ao acaso: admirão-se os milagres de *Metastacio*; á luz deste brilhante astro se vê a criação (p passim dizer) do *Poema lyrico*; estudão-se as imp tantes regras de evitar discursos extensos e ociosos e a necessidade de imitar a Homero no *Semper ventum festinat*; e finalmente concorda-se com Grimm (author deste precioso artigo) que o *Poes*

*Lyric* deve ser huma cadêa de situaçoens interessantes, tiradas do fundo do assumpto, e terminadas por huma catastrophe memoravel. Lembrarei de passo que o estilo de semelhante Poema deve ser energico, natural e facil; com graça, mas fugindo da elegancia estudada.

Leio depois o artigo *Lyrique*, que he de M. *Marmontel*, a quem o Poeta concederá algum conhecimento na materia. Os modernos (diz elle) tem outra especie de *poema lyrico* . que os antigos não tinham, e que merece melhor este nome, porque realmente he cantado; he o Drama chamado *Opera*. ,, No artigo *Opera* do mesmo Author se acha igualmente explicada esta especie de Drama. E o Author se refere á sua Poetica Franceza acerca das qualidades deste Poema.

Envergonho-me de ler, a pagina 8, o que o Poeta diz de J. J. *Rousseau*! Ignora acaso que este Filosofo escreveu alguns Dramas deste genero? Quem não conhece o *Devin du Village*, que tanta celebridade lhe deu? Se o Poeta não leu estas peças, muito menos mostra ter lido o que este grande homem escreveu sobre os theatros: e a prova he o asseverar (que afoiteza!) que o seu parecer vem muito pouco *ad rem*. He bem notavel que homens de cizudo criterio não ousem dicidir a contenda entre d'*Alembert* e *Rousseau*, respeitando dois tão sabios antagonistas, e que o Poeta de huma pennada decida que o Filosofo de Genebra sustentou paradoxos! Citarei com muito prazer huma Obra bem conhecida, e á qual ainda recorrerei outra vez: fallo do elogio de d'*Alembert*, escrito pelo Senhor *Stockler*, meu muito prezado Mestre, que sem duvida faz justiça ao Sabio em questão. Sómente direi (são expressoens do Senhor *Stockler*) que *Rousseau* arrebatam-me mas que d'*Alembert* convence-me; e que quanto a mim o Filosofo, que possuir o talento da Poesia, combinando os

escritos de hum e outro, poderá delles deduzir as verdadeiras regras de hum theatro capaz ao mesmo tempo de interessar os homens, e de corrigir os seus defeitos; de hum theatro, que seja juntamente o lugar de recreio e a escola da moral. ,,

He pois deste grande homem que o Poeta desvia o juizo! E com razão; pois que elle sabe quão pouco lhe será favoravel! O leitor porém exigirá de mim que desenvolva idéas apenas esboçadas na Censura, e eu aproveito esta occasião de mostrar a minha admiração aos sentimentos de J. J. Rousseau em materias de gosto.

„ A opera ( diz este Sabio ) he hum espectáculo *dramatico e lyrico*, no qual se procura reunir todos os encantos das bellas artes na representação de huma acção apaixonada, para excitar, com o soccorro de sensações agradaveis, o interesse e a illusão. ,,

„ A intervenção da Musica ( continúa elle ) como parte essencial, deve dar ao *Poema lyrico* hum caracter differente do da Tragedia e da Comedia, e fazer huma *terceira especie de drama*, que tem suas regras particulares. ,,

Leia o Poeta o que diz aquelle Filosofo da harmonia da Musica com a Poesia; leia a historia deste novo genero de composições; e talvez isto baste para não tornar a avançar que a *authoridade de Rousseau vem pouco ad rem*.

Ommitto a passagem, que não agradou ao Poeta, e demoro-me no seguinte paragrapho, que começa desta maneira. — „ A energia de todos os sentimentos, a violencia de todas as paixões, são o objecto principal do *drama lyrico*; e a illusão, que constitue o seu encanto he sempre destruida logo que o author e o actor deixão por hum momento o espectador entregue a si mesmo. Taes são os principios sobre que se estabeleceu a Opera moderna. Apostolo-Zeno, o Corneille da Italia, e

seu terno discipulo, que he o Racine da mesma, abirão e aperfeçoarão esta nova carreira. ,,

Para não ser fastidioso ommitto os defeitos deste genero de composição. O Poeta ganharia maior odio ao Filosofo. Mas vem *ad rem* o que diz sobre a unidade do lugar, e por ultima vez copiarei as suas expressoens.

„ Eu não quero transportar á Opera essa rigorosa unidade de lugar, que se exige na Tragedia, e á qual só he possível sugeitar-se á custa da acção, de maneira que o Poeta he exacto a certo respeito, para ser absurdo a outros mil. Demais isto fora perder a vantagem das mudanças de Scenas, que se fazem valer mutuamente; seria expor-se a huma viciosa uniformidade, a opposição mal combinadas entre a scena sempre constante e as situaçoens mudaveis; seria estragar o effeito da musica pelo da decoração, e reciprocamente, como fazer ouvir symphonias voluptuosas entre rochedos, ou arias galantes nos palacios dos Reis. ,,

Veja agora o Poeta se ha Drama, que não he Comedia nem Tragedia; se existem *Poemas dramaticos e lyricos*, com regras distintas; por isso que tendem a hum fim diverso, e aprenda a não confiar que tudo sabe, e que os mais tudo ignorão. Talvez que o seu Poema não mereça a honra de ser contado apar dos de Zeno, Mestastacio, Quinaut, &c. Mas neste caso devia antes o Poeta agradecer-me este obsequio do que culpar-me de rigoroso.

Isto basta para responder aos paragraphos seguintes. Quem ignorava os preceitos deste genero de composçoens, como as podia analysar?

O Poeta ostenta huma erudição vulgar aos novatos em Poetica sobre as tres unidades, que elle pretende faltarem nas peças de Voltaire e Molière, que eu apontei. Ora já vimos que a unidade de lugar deve ser muito ampliada em semelhantes dra-

mas, e quanto ás outras duas, parece que não merecerão a attenção do Poeta. Faz admirar o critério, com que elle analysa tão preciosas composições, e eu penso que seria injuriar tão grandes Mestres refutar o Poeta.

O Author do Juramento dos Numes decide *ex cathedra*, com aquelle conhecimento de causa que costuma, que Molière e Voltaire são os dois mais distintos Poetas Dramaticos, que tem existido, *hum de baixo sacco, outro de alta cothurno*. Para sentenciar esta causa, he necessasio hum Juiz bem superior em conhecimentos. Lisonjêem-se porém com o voto do Poeta; e por toda a razão lhes baste o *Magister dixit*. O Poeta pergunta emphaticamente — *Não parecem estas peças os sonhos de hum enfermo?* Respondo affoitamente — Não. *Será acaso que estes grandes Mestres ignorassem os preceitos?* — Menos. *E porque os não cumprirão?* — Cumprirão: e elles agradecem muito a frivola resposta, que o Poeta poem na sua boca. Só este litterato entende como *peças monstruosas são alias bellas*.

Além deste novo genero de Poema Dramatico, bastava que houvesse a Comedia e a Tragedia, e cada huma destas recebesse differentes estilos para ser verdade o que disse na Censura. Horacio o diz expressamente.

*Interdum tamen, et vocem Comœdia tollit,  
Iratus que Chremes tumido dilitigat ore;  
Et Tragicus plerumque dolet sermone pedestri, &c.*

Se quisermos ainda parar na Comedia, alli mesmo veremos diversidade de estilos correspondendo á variedade das pessoas. He ainda Horacio que falla

*Intererit multum Davus ne loquatur an herus, &c.*

Torno a remetter aos Poetas o exame do seu

estilo levantado. Não sei eu o que entende por este termo. Póde ser que seja o estilo sublime, ou, como fallão os Rhetóricos Francezes, magnifico, que Gilbert define *aquelle que ostenta tôdas as riquezas, toda a pompa, toda a força, todos os ornatos da Eloquencia*; e neste caso he bem facil o exame. Em quanto os Poetas apurão seus engenhos, agradeço a sinceridade do *vulgus profanum*. Jámais me inculquei Poeta e o Author o conheceria muito bem pela advertencia a huma das minhas Obras, que estão sujeitas á sua rijida censura. Devo de passo dizer-lhe *Nimum ne crede colori*. Lembre-se do que diz Boileau acerca de certo enfronhado Poeta, *qui pour rimer des mots pense faire des vers*. (1) Veja que ainda, mesmo não basta fazer versos. Horacio não ousava contar-se n'aquelle numero, e deveia fazer tremer as suas expressoens —

*Primum ego me illorum dederim, quibus esse Poetas  
Excerptam numero. Neque enim concludere versum  
Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos,  
Sermoni propiora, putes hunc esse Poetam.  
Ingenium cui sit, cui mens divinius atque os  
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.*

Se o Author desempenha estas condiçoens, seja embora Poeta. Quanto a mim, sem disputar a gloria deste nome, aproveitar-me-hei dos versos de Virgilio

---

(1) Huma vez que citei este excellente Critico, repetirei ao Poeta tres versos da Sua Arte Poetica, que muito bem ajustão neste caso —

*Ne vous enyvez point des eloges flatteurs,  
Qu'un amas quelquefois de vains admirateurs  
Vous donne en ces reduits, prompts a crier,  
Merveille!*

*Sunt et mihi carmina: me quoque dicunt  
Vatem Pastores; sed non ego credulus illis.*

Porém apezar da authoridade do seu *Patrão da lancha*, sou inclinado a pensar que não he necessario ser Poeta para julgar do seu estilo. He bem sabido o *fungar vice colis*; e há infinitos exemplos de excellentes criticos não Poetas: Aristoteles escreveu magistralmente da Poetica; e entre os modernos Le Bossu tratou excellentemente do Poema Epico, e D'Aubignac da pratica do Theatro, e o primeiro jámais compoz hum Poema, e o segundo fez huma má Tragedia.

Bem pouco direi sobre a imitação de Camoens. Basta reflectir na differença entre imitar e traduzir. Horacio (perdoe o Poeta, se aproveito muitas vezes a authoridade deste grande Mestre) o declara nos versos tão lidos, e tão pouco entendidos

*Publica materies privati juris erit, si  
Nec circa vilem, patulumque moraberis orbem,  
Nec verbum verbo curabis reddere fidus  
Interpres.*

Se o imitador não deve ser hum fiel Traductor, como lhe será licito ser hum máo Traductor? Para que he pois acarretar passagens, que os Commentadores tem apontado, e que só ellas enchem hum grosso volume? Onde está na minha Censura que imitar he hum crime? Será nas palavras *nos fez conhecer huma imitação ou copia*? Qual he a expressão que indica esta supposta falta? O Poeta tem muitas vezes empregado a calumnia em falta de boas razoens, e eu devo lembrar a judiciousa reflexão do celebre *Arnauld* — *Les guerres entre les Auteurs passent pour innocentes, quand elles ne s'attachent qu' à la Critique de ce qui regarde la Litterature La Grammaire, La Poesie, L' Eloquence, et que l' on n'y mêle point des calomnies, et d' injures personnelles.*

Entramos agora em huma questão de Traducção. Compara o Poeta a sua traducção da passagem de Virgilio com as *dos quatro melhores Traductores*; e tudo versa sobre o *sunt mihi*, que elle traduz *que a meu cargo tenho*. O nosso Barreto contentou-se com dizer *tenho*, e estou bem persuadido que esta he a traducção litteral e genuina das duas palavras Latinas. O Poeta quer que o termo *mihi* seja expresso por *a meu cargo*, mas não sei se mostrará exemplo, em que o verbo *Sum* signifique *ter*, sem se lhe annexar o dativo da pessoa. Portanto a unica palavra Portugueza *tenho* he bastante para equivaler ás duas Latinas *sunt mihi*, e o acrescimo de *ter* a seu cargo não só não pertence a Virgilio, mas convém muito pouco á Poesia.

Não acha o Poeta redundancia no verso

*Hão de ser para vós, hão de ser vossas!!*

E allega o verso de Virgilio

*Connubio jungam stabili, propriamque dicabo!*

Dividamo-lo em hemistichios. *Connubio jungam stabili*: Hão de ser para vós. *Propriamque dicabo*: Hão de ser vossas. Será isto traduzir, ou imitar? Este verso (como alguns outros) se repetem no mesmo Poema: no Livro 4.<sup>o</sup> a mesma Juno falando a Venus, o applica a Dido. Se a traducção he boa, deve tambem alli convir, e dizer-se *Ha de ser para elle, ha de ser sua*. Parece-me que aprendi a traduzir com o Poeta; e que tal? Confesso que, distinguindo muito bem as duas idéas, que se comprehendem no verso da *Eneida*, nenhuma differença encontro nos hemistiquios do *Juramento*. Porém como isto poderia nascer de estar eu pouco versado em distincções deste genero, o Poeta me dá huma importante lição, dizendo que nas palavras — *hão de ser vossas* — se comprehende a promessa de que as Ninfas hão de amar os Cyclopes. Descoberta singular! Explicação genuina! Sem o Author, eu a ignoraria sempre, porque *Davus*.

*sūm non Œdipus.* Mas admittindo esta gloza, em bons trabalhos se mettia Venus! E quanto era efficaç o seu exemplo! O Poeta diz que *esta promessa está implicita no ultimo verso* :

*Tanto prometto e cumprirei bom grado.*

comtudo por mais que estude a falla de Venus, vejo só a promessa da *posteridade das estrellas para esmaltar o solio magestoso ao Rei dos astros*, e cançado de lutar com a intelligencia de tão elevadas expressoens repito os versos do maior *Mestre de baixo socco* :

*Ce n'est que jeux de mots ; qu' affectation pure ;  
Et ce n' est pas ainsi que parle la Nature.*

Aqui notaria eu que Virgilio de quatorze Ninfas só dava huma a Eolo, e por isso tinha lugar o seu bello verso, mas o Poeta mais liberal, separando huma para Brontes, deixa 13 ou só para os dois Chefes ( que fartura ! ), ou para todos os outros Cyclopes, e ficão 13 para 99 ; e o Poeta não fará a divisão facilmente, por mais que tenha estudado a arithmetica. Como qualquer dos casos dá entrada á polygamia, não sei como o Poeta arranjará o *Connúbio jungam stabili, propriamque dicabo*.

Sou chegado á passagem, em que o Author assoalha de huma maneira triunfante a minha ignorancia ; e munido de dictionários e cartapácios, publica que estou de mãos atadas. Eu disse que a ethymologia *βροτη* indica que o singular he Bronte. De todos os termos, que deduzimos do Grego, hum só não ha que acrescentasse huma consoante á original ; pelo contrario muitos a perdem, vindo a terminar em vogal : por exemplo, perdem o *s* dialogo, filosofo, analyse, periphrase, Poeta, Propheta &c. ; o *n* metro, cerebro, diametro, &c. ;

as outras muitas, que não expendo por brevidade. Dos nomes proprios he verdade que muitos conservão o s final, mas não se mostra hum que o ajunte á raiz. He certissimo que a raiz daquelle termo he a mencionada na Censura. Logo (segundo a ethymologia) o seu singular he Bronte. Eis-aqui a que se reduz o meu reparo, e nada mais. Garção era hum grande litterato: Gonzaga nada tinha de ignorante; e pensarão como eu. D'onde logo o riso? Isto se reduz a hum problema, que he resolvido differentemente por Authores. Demais, a Philoſofia das linguas exigindo que o plural seja distincto do singular, e a ethymologia favorecendo esta distincção nada parece mais arrazoado do que tomar para o singular a raiz Bronte, e deixar o plural Brontes.

A passagem de Barreto, traduzindo Virgilio, parece a mais terminante a favor do Poeta. Porém, se attentarmos seriamente não se poderá entender, ao menos plausivelmente, que o termo Brontes assim no Original como na Traducção está no plural? Sabemos pelo mesmo Virgilio que erão muitos os Cyclopes — *Vasta regna Cyclopum*; e diffinidamente assigna cem no L. III Æn.

*Centum alii curva hæc habitant ad litora vulgo  
Infanti Cyclopes, et altis montibus errant.*

E não pôde ser que destes o Chefe fosse Pyracmon, e os officiaes se dividissem em fabricantes de raios *Steropes*, e forjadores de trovoens *Brontes*? Que cousa se opporá a esta lição? Os commentadores? Somos logo escravos da authoridade? Se Pyracmon (que se compoem de bigorna e fogo) se conserva com a mesma desinencia, e no mesmo numero, por que para se designar hum só homem se poem no plural a origem Bronte, ou Sterope? Eu bem sei que o Poeta he pouco affeiçãoado a sciên-

ciãs de razão, e que he mais barato citar Authores que imita-los: mas eu faço mais caso de hum periodo do Filosofo *Dumarsais* do que do voto de todos os Grammaticos antigos. Fique pois o Author persuadido que não he segundo os Scholiastes que eu arrisco esta opinião, mas por seria reflexão, e *non ut Pythius Appollo. sed ut homunculus probabilia conjecturâ sequens.*

Muitos argumentos de probabilidade se poderiam produzir a favor da minha opinião: todavia penso que basta o que tenho dito para se ver que o Poeta se espraizou de balde, e que lhe quadra bem o sentimento de *Despreaux*.

*Tout ce qu' on dit de trop est fade et rebutant.*

Ommito a feliz lembrança dos livros comeginhos: não entendo a vergonha porque passou (se com effeito lhe tocou alguma); e nenhuma parte quero tomar nas queixas, que fórma da architectura e pintura. Ouvi que o Poeta devia muito a esta ultima, e demais a dependencia destas duas artes he o caracter do *Drama Lyrico*.

Se o Poeta estranha que eu deixasse intacto quasi todo o seu Drama, limitando a minha desgraçada critica aos pequenos reparos que fiz, não devia antes conhecer o espirito de moderação, que regia a minha penna? Como se persuadio elle que eu não teria motivo para hum grande Censura, se eu não quizesse antes animar do que descôrçoar os Escretores? Se o Poeta fosse animado de igual espirito não hiria revolver as cinzas de hum sabio Ministro, para cevar a sua raiva. Se o Redactor do Patriota não fez justiça ao seu supposto merecimento, que tem com isto o amigo agradecido do Mecenas moderno? E que miseraveis reparos! Eu não responderia hum só palavra, se não fosse obrigado a relevar hum engano do Poeta. A pag. 15

me chamou *Vulgus profanum*, e agora affirma que *professo a Poesia*. Agradeço e engeito a graça. He outra a minha profissão, outro o meu emprego. Nem basta para adquirir aquelle nome o fazer versos *Quales vel ego vel Cluuienus*. Se a minha penna copia algumas vezes sentimentos do coração, não he o amor da gloria, não he o interesse do ganho que a rege. A satisfação, que me resulta de fazer o meu dever, he muito superior aos louros, ou ao ouro, que os outros ambicionão .

O Leitor imparcial, lendo as primeiras linhas desta segunda parte do Poeta, me permittiria dar por toda a resposta

*Aimez donc la Raison. Que toujours vos écrits  
Empruntent d' elle seule, et leur lustre, et leur prix.*

Porém como este Periodico chegará ás mãos de muitos, que condemnão a minha empresa, e acharião mais acertado perder inutilmente o tempo em frivolos elogios, e que de bom grado dirião

*Quanto rectius hoc quam tristi ledere versu  
Pantolabum scurram, Nomentanumque nepotem,  
Cum sibi quisque timet, quanquam est intactus et odit,*

farei algumas brevissimas reflexoens, para augmentar a gloria do seu triumpho (1).

---

(1) Nenhuma Obra parecia mais sobranceira á critica do Poeta do que o Epicedio. Feito em poucas horas para desafogo da minha dor, e testemunho da minha gratidão, elle me foi pedido por dois Sabios da mais solida reputação, que o fizeram imprimir á sua custa. Os Redactores do Investigador se apressarão a copia-lo no seu excellente Periodico, e o honrarão com a sua approvação, e elogios ao Author. Em Lisboa apenas appareceo o pri-

A palavra Epicedio quer dizer canto fúnebre feito á morte de alguém. Logo Epicedio á morte he redundancia. Se eu fizesse huma Ode, como Horacio a 22.<sup>a</sup> do L. I. deveria acrescentar á morte; mas o termo epicedio expressa estas duas, assim como não seria necessario dizer Epithalamio ao Cazamento, Genethliaco ao nascimento, &c.

A nota á 1.<sup>a</sup> Estrophe tem por fim mostrar os grandes conhecimentos do Poeta em Optica. Com effeito sabe que a luz he fluida, e que o bico pontegudo embaraça a guia de libar... Que subtiliza!

Boreas determina direcção e não intensidade de vento. Cansou-se o Poeta em accarretar passagens, em que se dá a Boreas o effeito de furioso; em quantas o acharia brando? Lembra-me Virgilio:

*Ecce autem Boreas angusta a sede Pelori  
Missus adest: vivo præteruohor ostia saxo  
Pantagiæ . . .* L. 3.

*Hic tantum Boreæ curamus frigora . . .* Ecl. 7

*Spirante Boreâ . . .* Georg. 2

e penso que a ultima expressão dista pouco de bafejar.

Muito pezar me fica de ter feito cansar a imaginação do Poeta tão esterilmente: não me succedeu outro tanto com o que não entendi do seu Drama.

Enche o Poeta as bochechas para dizer que eu não sei escrever o nome de *Berneulli*. Isto he pro-

meiro Exemplar, foi logo reimpresso. A estes testemunhos publicos podia ajuntar louvores de eruditos de bom gosto. Mas para que? *O Juramento dos Numes* terá igual sorte? O Poeta o decidirá.

riamente atacar-me nas minhas trincheiras. Nenhum Mathematico (ainda que só em nome) deixa de saber que existio *Jacques Bernoulli*; que seu irmão e rival *João Bernoulli* foi igualmente profundo; que a sua Memoria sobre as marés foi premiada pela Academia das Sciencias de Paris, e ainda impressa com o Livro dos Principios de *Newton*; e que hum sobrinho destes por nome *Nicolau Bernoulli* morreu na flor da idade, já distinto pela profundidade do seu engenho, durando porém até nossos dias o celebre *Daniel Bernoulli*, cujo nome o Poeta podia ter lido em todos os Catalogos dos Socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e até no Livro *mais comezinho* do Almanack de Lisboa.

Eu bem sei que o Poeta, contente com a gloria, que deste nome lhe resulta, renuncia á espinhosa carreira das mathematicas, e por isso lhe são absolutamente estranhas as Obras destes Sabios, e o grande numero de Memorias, com que elles enriquecerão as Sociedades Litterarias. Mas a historia das Mathematicas de *Montucla*, a de *Bossut* de mais facil accesso, o elogio de *Jacques Bernoulli* por *Fontenelle* e de *João Bernoulli* por *d'Alembert*, são conhecidos por todos que cultivão a Litteratura. E se tudo isto lhe parece muito, eu lhe inculcarei huma obra bem conhecida, fallo do já citado elogio de *d'Alembert* pelo Senhor *Stockler*, impresso muitas vezes, e ultimamente em 1805 no 1.º Tomo das suas obras. Alli acharia o nome de *Bernoulli* escrito em quasi todas as paginas, e poderia estribar-se na sua authoridade. Mas em falta de todos estes conhecimentos o Poeta recorreu a fonte limpa, abriu o Diccionario dos Homens Illustres, e por seu mal huma edição tão antiga, que nem trazia os ultimos *Bernoullis*, nem escrevia bem este nome. Applaudio-se da descoberta. — Erro! gritou logo: e sofregamente escreveu. Lamentamos sincera-

mente que os talentos do Poeta não fossem empregados no estudo de huma sciencia, na verdade arida, mas tão necessaria á sua profissão.

Não he menor a extravagancia, com que o Poeta pertende que hum homem não pôde ser comparado com outro a certo ponto de vista, sem que o seja em todos os outros, quando hum Sabio critico chega a não exigir nos mesmos pontos de comparação huma perfeita correspondencia. As palavras de Boileau na 6.<sup>a</sup> Reflexão sobre Longino são as seguintes. *C'est une vérité universellement reconnue, qu'il n'est point nécessaire, en matière de Poesie, que les points de la comparaison se repondent si juste les uns aux autres, qu'il suffit d'un rapport general; et qu' une trop grande exactitude sentiroit son Rheteur.* „ Ora Cesar, nada julgando feito em quanto lhe restava que fazer, mostra hum genio laborioso e incansavel. O Senhor Conde de Linhares possuia estas mesmas qualidades. E não poderão comparar-se, sem que o segundo seja guerreiro, como o primeiro?

*Comparar hum heroe á lua, he mais que extravagante.* Ainda he mais não entender grammaticalmente o sentido dos versos, que condemna —

O Sabio,  
*Que brilhava qual Phebe entre as estrellas.*

Hum Discipulo de Grammatica seria castigado, se entendesse o sentido, como o Poeta. Elle devia entender que brilhava qual brilha Phebe entre as estrellas. *He pensamento de Horacio.* Eu o accusei: *he bem improprio deste lugar*: só o Poeta o disse.

Minerva e Pallas representam as sciencias e as armas: e nem se pôde applicar a primeira a estas, nem a segunda ás sciencias: e dois vocabulos, que convêm a differentes sujeitos, não são synonymos.

Proximo a concluir este fastidioso empenho,

lembro ao Poeta que, havendo-me proposto sempre a Horacio por modelo tremo quando leio a sua admiravel Ode a Pindaro, e longe de persuadir-me que siga de perto hum Mestre tão insigne, contento-me de copiar seus pensamentos. Quanto porém ao acerto da applicação, appello para Juizes mais illustrados.

Renunciando a essa gloria litteraria, de que se gaba o Poeta, que me importa que os meus versos sejam ou não harmoniosos? Quando a amizade, ou o patriotismo accende o meu estro, corre a penna ligeiramente, e quaesquer que sejam os defeitos das minhas Obras, ellas tem o merecimento de não serem votadas á lisonja, nem ao interesse. O meu guia nas minhas composições he o sentimento de Helvecio. — *Il suffit de sentir-vivement pour bien exprimer.*

O adjectivo baço quer dizer moreno amarellado, e creio que huma face desta cor pôde tornar-se vermelha de pejo. Mas o Poeta não perdeu esta occasião de deitar a baixo a sua livraria.

Não respondo ás frivolas invectivas do Poeta, desprezo os frequentes sarcasmos, esqueço-me de quanto me toca pessoalmente, e para isto me recordo do meu Horacio

*Virtus est vitium fugere, et sapientia prima Stultitiã caruisse.*

E para pôr fim a esta contestação, agradeço ao Poeta o cuidado, a que se propoem, de olhar para as minhas obras, inclusive traduções. Entre humas e outras achará algumas em materias, que lhe são inteiramente desconhecidas, e das quaes não será competente Juiz.

## A P P E N D I C E.

*While pensive Poets painful vigily keep,  
Sleepless themselves to give their readers sleep.*  
Pop. Dunc. L. I.

*Stulta est clementia.  
periturae parcere chartae.*  
Juvenal Sat. 1.

**A** Primeira vez que li o Drama em questão, em reverencia ao objecto não quiz apontar os defeitos, de que elle abundava, e me contentei de tocar muito levemente algumas passagens, para não incorrer na nota de *Montesquieu*; porém affligindo-se muito o Poeta de que a minha desgraçada critica se exercesse sobre tão leves cousas, julguei do meu dever tornar a ler a sua obra prima, e analysa-la com a maior brevidade. A primeira lembrança foi despi-la dos ornatos da Poesia, para mostrar o esqueleto tal e qual. E este conselho he de Horacio na 4.<sup>a</sup> Satira do L. I.

*Eripias si  
Tempora certa, modos que, et quod prius ordine  
verbum est  
Posterius facias, præponens ultima primas,  
Non ut si solvas &c.  
Invenias etiam disjecti membra Poetae.*

A esta prova sem duvida o Drama não resistiria; e o Poeta ficaria bem longe de namorar-se da sua Obra, como *Promotheu*. Mas como isto daria ao seu genio hum vasto campo de espraizar-se em dicterios, quiz ser hum pouco mais miudo, e procurar as idéas entre aquella verbiagem. Permitta-me que cite outra vez Pope

*How fluent nonsense trickles from his tongue!  
How sweet the periods, neither said, nor sung!*

Eu quisera passar a Advertencia e o Prologo, e de bom grado o fizera se não visse Horacio dizendo o que nunca disse. Os pomposos versos são os seguintes

*Onde a proficua mimica sciencia,  
Q' o berço deve á portentosa Athenas. &c.*

E a nota he que ,, todos sabem que os Filosofos Athenienses dezejando tornar mais persuasivas e suaves as verdades da sã Filosofia, derão principio ás composçoens dramaticas, que se fazião representar em carros pelos lugares mais publicos das povoaçoens, como Horacio se explica nos seguintes versos

*Ignotum tragica genus &c.*

Alguns Commentadores tenho lido, e não sei que algum entendesse que nestes versos se encerrava a descoberta de serem os Filosofos Athenienses os que derão principio ás composçoens Dramaticas, arranjando as que Thespis, e seus Companheiros representavão sobre os carros com os rostos tintos de fezes. Muito depois de organizados os theatros, e já no tempo de *Eschilo*, *Euripides*, e *Sophocles*, a Comedia antiga e a media atacavão as pessoas mais respeitaveis, a primeira pelos proprios nomes, e a segunda occultando-os, porém talvez mais licenciosa. E he bem sabido que o maior dos Filosofos Athenienses, *Socrates*, foi motejado e ludibriado pelo impudente *Aristophanes* na Comedia das *Nuvens*. Tão longe estava pois de serem os Filosofos os authores das Composçoens Dramaticas, que elles erão victimas da liberdade do theatro, e isto em epoca muito mais polida que a de Thes-

pis. A Tragedia não era igualmente composição de Filósofos, e quasi se tocava com a Comedia, ao menos he este o parecer de muitos Sabios. Citarei Mr. Dupuy na Traducção de Sophocles. — *Il n'y avoit pas, chez les anciens entre le cothurne et le brodequin, la même difference que parmi nous. L'intervalle, qui les separoit étoit bien moins grand: aussi ne faisoient ils pas difficulté d'introduire sur la scene tragique des personages, qui aujourd'hui l'ayuroient à nos yeux.*

Neste prologo requinta o estilo empolado do Poeta. Alli se vem os cisnes do Tejo, candidos e graves, espalhando custalios brilhos co' as tubas bronzeadas: (1) admira-se hum artefacto rastejando as sombras de dois pomposos: estranha-se o mundo feichado em pequeno circulo; louva-se o Luso scenico farçante. esgarrado á natureza (2) imitando esforços altaneiros; respeita-se hum elo prezo á Bragantina adobu; e outros milagres da eloquencia, que assombrão seguramente a quem mais de huma vez leu em Longino que não se deve por toda a parte fazer ostentação de palavras vanmente inchadas. Por que exprimir huma cousa baixa em termos grandes e magnificos he o mesmo que applicar huma grande máscara de theatro ao rosto de huma criança.

---

(1) Cisnes espalhando brilhos com trombetas, he alegoria nova: o artefacto que rasteja a sombras he igualmente improprio: scenico farçante he rebaixar muito hum Actor: esgarrado á natureza não sei o que he. — *Adobu* he baixo, e Bragantina adoba he indigno. Cadeia he mais nobre, mas tambem menos vulgar, e por isso não agradou.

(2) Lembra-me huma bella comparação do nosso Vieira. As palavras devem ser como as estrellas: o ignorante se serve dellas para governar o tempo; e o Sabio tem nellas muito que aprender e estudar. De certo Vieira não fallou destas palavras.

*Some by old words to fame have made pretence  
Ancient's in phrase, meer moderns in their sense.  
Such labour'd nothings in so strange a style  
Amaze th' unlearn'd, and make the learnead smile.*  
Pope. Es. on Crit.

Passo porém ao Drama, onde, deixando o Choro, apparece Vulcano convidando os Cyclopes a trabalhar com fervor nas armaduras dos Portuguezes. Acaba de dar as ordens, quando Venus baixa dos Ceos a pedir a Vulcano o mesmo que elle havia já ordenado. Portanto esta Scena nada augmenta ao enredo. Serve apenas para Venus desabafar em queixas contra Juno, e derreter-se em finezas com Vulcano porque lhe foi concedida *a mais solida ventura na disputada gloria de goza-lo*; finezas tão estranhas ao bom marido, que se assombra de ouvi-las, e as engeita dizendo á sua tão extremosa Consorte que *não tenha susto* (isto foi talvez para aproveitar o *deposita formidine*), e deixe as ambages que de nada servem. Começa então Venus a sua *narracão sincera*, que se reduz a que sempre protegeu os Portuguezes com o seu *braço inerte*; e que na presente crise, em que a França os ameaça, compete a Vulcano dar-lhes soccorro; e se lhes for adversa a fortuna, que ao menos lhes conceda *repellir com força avantajada os duros golpes das hostes Francezas*; e logo para acabar o seu discurso como o que fez a Jupiter na Lusiada, diz muito enfadada

*Acabem de huma vez, percão-se todos.  
Acabem que são meus. Isto lhes basta.*

E chora! Salta aos olhos a escrupulosa e bem acertada imitação. Igual situação! E isto dito a Vulcano? Que destreza! (1)

---

(1) He hum preceito infallivel conservar ás per-

Mas o Deus coxo, não querendo ficar atrás, lhe annuncia que os Portuguezes lançarão seus inimigos além dos Pyrineus, o que Venus ignota, e lhe pergunta em bem sonoros versos que motivos mais a obrigão.

*Porém quero saber que outros motivos  
Além desses que ha pouco me allegaste,  
Tanto te obrigão, tanto te penhorão  
A bemfazer aos Lusitanos povos  
Quero sabe-los pois se acaso ha outros.*

Venus para imitar o seu consorte na sublimidade do estilo, e não empregar a locução rasteira vergonhosa na boca de huma Divindade, responde

*Sem duvida são muitas e mui graves  
As causas, que me poem da parte delles;*

as quaes se reduzem a huma só, á similhaça com a Teucra gente, que a idade sorvera, nos costumes, nas leis, no idioma, no trato, nos gestos, nas feições, no garbo, e em tudo. Cada huma destas cousas exigia humma sabia Dissertação. Não sei eu mesmo se toda a erudição do Poeta bastaria para mostrar a similhaça entre o trato, o gesto, as feições, o garbo, &c, dos Romanos e dos Por-

---

sonagens tiradas da historia ou da fabula caracteres proprios.

*Aut famam sequere &c.,  
Honoratum si forte reponis Achillem &c.*

Ora Venus não foi a mais amante do seu Consorte. Testemunha Marte entre os Deozes, e entre os homens Anchyses e outros. Parece pois que o Poeta faltou ao preceito de Horacio.

tirguezes. Em fim os grandes thesouros de antiguidade, que elle possui, devem esgotar-se neste caso.

He celebre que Vulcano agora diz que já sabe tudo, e só não sabe porque se lhe afogueia o rosto ao ouvir illustres feitos de eterno renome! Despede grosseiramente a Venus, que mais civil lhe dá hum abraço, e promete aos Cyclopes as quatorze Ninfas, que tem a seu cargo. Seguem-se as arias, em que Brontes bate o compasso, e finda o primeiro intervallo.

Começa então hum novo enredo independente do primeiro. A scena representa *hum bosque, onde há hum arbusto*: entra a paz declamando pior que Emilia no Cinna e queixando-se de só achar guarida nos *brutos animaes, a que o Olimpo previdente negu razão aguçosa*. Depois de hum Soliloquio de 39 versos, responde de dentro o Coro, supponho que de Cyclopes. Continúa por mais 13 versos a Paz: e despoja-se das suas insignias. Vem então o Genio Lusitano ao mesmo bosque e consola a paz com a esperança de que os Monarcas de Britania e Lysia hão de fazer levantar o seu templo sobre *imigos sordidos cadaveres*: adorna-a de novo das suas insignias, e convida-a a entrar no *sacro-santo alcaçar do supremo heroismo, para ver*

*A scintillante effigie portentosa  
Do Monarca maior, que hão visto as eras.*

A paz pergunta se he Affonso 1.<sup>o</sup>, ou 5.<sup>o</sup>, ou João 3.<sup>o</sup>, ou Manoel; a que o Genio responde que he o *Sexto João*.

O Genio de passagem conduz a paz á forja de Vulcano; e pede ao Deus que lhe mostre as *armaduras* dos Portuguezes; que elle diz serem feitas a *pedido de Venus*, em quanto vimos que já antes Vulcano as havia ordenado. Finalmente, acompanhado de Vulcano e dos Cyclopes, leva as arma-

duras para o templo do Heroismo, no fim do qual apparece o Retrato de S. A. R. Alli se acha Venus, a quem na Scena 2.<sup>a</sup> Vulcano havia dito *sobe ligeira aos Ceos*, e que parecia haver subido: vê-se hum coro de graças ( que não se sabe como alli vierão ) alternando com o dos Cyclopes: estes e as Ninfas ( supponho que serião as que Venus prometteu ) poem sobre as aras as *armaduras Portuguezas* cantando, ao que se seguem arias, e depois o Juramento feito pelo Genio de que Portugal não seria vencido. Pyracmon recita huma arenga, e depois de algumas cantigas, se conclue o Drama.

Eis-aqui, nem mais nem menos, o Juramento dos Numes. Debalde se procura huma acção, que tenha justa grandeza, como falla Aristoteles, ou principio, meio e fim; em vão se quer ver desempenhado hum só preceito deste grande Mestre; he tempo perdido fazer dos diversos retalhos huma acção; não há ligação, nem nexo; não se achão senão palavras. Não sei para que entra a paz nesta Peça: parece-me huma personagem perfeitamente protatica. A que titulo apparece Pyracmon a comprimentar o Principe Regente? Tudo isto ( creio eu ) são delicadezas, que não alcança o *vulgus profanum*; transcendentés ás regras de Aristoteles, Horacio, Boileau Vida, e outros: finalmente he hum novo caminho para a gloria. (1)

Tenho sido mais demorado do que pertendera, pela difficuldade de analysar huma peça sem unidade. Direi muito pouco sobre a sentença e a dicção.

A falla de Vulcano he tirada do L. 8. de Virgilio —

(1) Com semelhante invenção que lugar pertenderá o Poeta? *Si paulum a summo discessit, vergit ad imum*. Ou em Francez. *Il n'y a point de degrez du mediocre au pire*. Sem duvida, não podendo aspirar ao *Summo*, toca-lhe o *imum*, ou o *pire*.

*Tollite cuncta, inquit, cæptos que auferte labores,  
 Etnei Cyclopes, et huc advertite mentem.  
 Arma acri facienda viro: nunc viribus usus,  
 Nunc manibus rapidis, omni nunc arte magistrâ:  
 Præcipitate moras, &c.*

exceptuando as *fulgentes laminas do encoirado pavez*, e o *tremulo mortifero montante*, que são idéas do Poeta: e não brilha pouco a *polvorosa Erynnis*.

Não posso sofrer (apezar da nota) o termo *mando*.

Vulcano, descortinando futuros, prevê que as duas naçoens virão a ser hum dia, e sem ser obrigado de alguma paixão vehemente, faz huma aposiopesis, que não deixa entrever o pensamento do Poeta. Distinguem-se aqui os versos

*Não me posso esquecer da Lusa gente  
 Aprontemos riquissimos arnezes  
 Eu inda espero, eu que folheio apenas  
 Que estas duas naçoens, que hão sustentado . .  
 Não, não me toca, a Jupiter sô cabe.*

E finalmente *Vamos a trabalhar, que o tempo voa*. Verso verdadeiramente elevado!

Na Scena 2.<sup>a</sup>, tambem imitação de Virgilio, doe-se Venus de que Juno consentisse que seu filho fosse precipitado do Ceo, e diz que Vulcano se vinga bem, armando a dextra de Jupiter, *duro Pai turbado e opresso*. Idéa bem digna do Rei dos Deuses! Apontaria os quatro versos

*Graças aos teus serviços, que me derão, &c.  
 A locução rasteira he vergonhosa na boca de huma Divindade.*

He bem forte a idéa, que se contém nos seguintes versos de Venus:

Verás então como insofridos *feroem*  
Entré o granizo de fataes pelouros  
Nadando em sangue imigo, que avermelhe  
A verde relva do Vimeiro ovante.

Fervem nadando entre o granizo! Que galimathias!

*Est brevitare opus, ut currat sententia, neu se  
Impediat verbis lassas onerantibus aures.*

Hor.

A fortuna, que ás cegas corre e para, nem he pensa-  
samento nobre, nem bom verso. Não são melhores

*Mereção-te sequer o dom pequeno . . .  
E se inda he muito o que heï pedido e peço*

Vulcano revolve arcanos do futuro. Não sei se se  
póde dizer *arremessa-las* estando o relativo na fal-  
la de Venus alguns versos antes. Os Pyrineos *en-*  
*tonados de alcantís nivosos; o tropico orvalho*  
(tendo dito o Poeta a pag. 24 *tropicis chuvosos*) são  
idéas originaes, e que não mister commentario. Pa-  
rece que quem diz *os tropicos chuvosos* suppoem  
que ha outros, e aqui temos novas idéas de Geo-  
graphia. E porque razão quadra aos tropicos este  
epitheto? A Arabia, e o Egipto, os desertos da  
Africa, o Mexico, e a California na America, a  
parte da India e da China, que ficão debaixo do  
tropico de Cancer são *chuvosas*? A Cafraria e a  
Ilha de S. Lourenço na Africa, e a parte da Ame-  
rica Meridional debaixo do tropico de Capricornio,  
são *arvalhosas*?

Os versos, que se seguem, são a proza mais  
baixa que se póde imaginar, e Venus começa da  
mesma maneira. O Poeta pensou que para ser elo-  
quente, basta satisfazer ao *projicit ampullas et sex  
quipedalia verba*. Que eloquentes são os Dictionarios!

Passo o Imperio do Brazil *atalaia e farol do*

*mundo inteiro*, e páro na promessa de Venus, que do casamento de Diopéa (viuva de Eólo) com Brontes nascerião estrellas para esmaltar o Solio do Sol. Não sei como de hum Cyclope e huma Ninfa se gerão estrellas, nem cómo estas esmaltão o Solio do Sol, ou de quem quer que seja o Rei dos astros. *Pictoribus atque Poetis &c.*

He magnifica a aria. *A sorte de Portugal pende dos braços dos Cyclopes, que os Ceos defende. O braço nosso não pôde referir-se senão a todos, e isto junto com o defende mostra que havia hum só braço para todos. A quadra seguinte confirma isto mesmo pelo verbo forjemos; e a razão desta defeza he porque Venus formosa e nua nos proteje. Não sei a que vem o epitheto nua, salvo a fazer nascer huma idéa indecente. O resto diz respeito ao compasso dos malhos, que não entendo. Gost'o muito do verso tatatá, tutatá, tatatá, e destes se podem fazer infinitos. Não entendo os dois.*

*Oh! que bella, que doce harmonia,  
De acertado compasso o melhor.*

*Cuidado nos golpes ( diz Brontes ): quando hum for baixando, deve outro subir: que? hum golpe?*

Escandalisa ouvir a hum litterato ( pag. 20 ) que as Sciencias e as artes são peste, ruina e corrupção dos povos? . . Feliz de quem as ignora!

Foge o tempo, e eu callo as mortuozas sombras da luz, o combro do sanguineo lago, o curtir as tormentas fadigosas, o Deus que espanca as trevas, e outras muitas. Varão que até dormindo estuda e vêla, quer dizer varão que até dormindo não dorme. Não sei se he bem sustentada a allegoria

*Templo do heroismo,  
O' as arcadas multiplices escora  
Sobre os robustos bem formados hombros.*

*Das prestantes virtudes, que encaminhão  
O baixel dos mortaes no mar do mundo.*

Para terminar estas duvidas, salto o excellente verso

*Se dás que te acompanhe, vou contigo :*

e rio com a falla de Vulcano aos companheiros

*Amigos, presto  
Tirai, trazei as armas, que fizemos ;  
Vamos, mas de vagar.*

Tenho concluido a tarefa, em que a meu pezar fui empenhado. Procurei quanto pude a moderação nos meus argumentos, e ainda mesmo quando tinha de repellir ataques indecentes. Todavia, se o Leitor se houver nauseado de tão impertinentes disputas, condemne embora a quem me provocou, e obrigou a imitar o procedimento de Horacio.

*Sed hic stylus aut petet ultro  
Quemquam animantem, et me veluti custodiet ensis  
Vaginã tectus. Quem cur distringere coner  
Tutus ab infestis latronibus? O' pater et rex,  
Jupiter, ut pereat positum rubigine telum:  
Nec quisquam noceat cupido mihi pacis! at ille  
Qui me commorit ( melius non tangere clamo )  
Flebit, et insignis totã cantabitur urbe.*

L. 2. Sat. 1.

*Discurso do Redactor.*

**D**Esde o principio da nossa empreza, nos esmerámos em animar as esperanças dos leitores, assim pela face, que a Europa hia tomar como por ver dilatar-se diariamente o horizonte da sua prosperidade. No N.º 1.º annunciámos proximo o termo das violentas usurpaçoens da França e a aurora da liberdade politica das outras naçoens. No 5.º nos felicitámos do desempenho de huma parte daquella predicção; e a nossa penna tem corrido ligeira para traçar quadros lisonjeiros de successivas felicidades. Encarando a nosso pezar as rapinas, as traiçoens, os crimes mais atrozes reunidos no refalsado peito do Despota da França, observando como esta aguia descia das nuvens da sua soberba para empolgar os innocentes que no seio da paz, e á sombra dos tratados mais sagrados, dormião tranquillos, não deixavamos de prever a curta duração daquella terrivel alluvião, e marcavamos de antemão o seu periodo. A ambição, que havia elevado á gloria o Conquistador, o precipitou na sua vergonha: e os passos, que dera para a tirannia universal, foi obrigado a retrogradar para propria segurança.

Tal foi com effeito o resultado da campanha da Russia, tão assignalada pelos extraordinarios esforços do aggressor, e pelo poderoso auxilio das Potencias, que arrastou aos gelos do Norte, como pela heroica resistencia de huma nação, primeiro accometida que armada, e que assim mesmo fazendo cara aos aguerridos exercitos, que a perseguião, finalmente os conduzio ao theatro da sua humiliação, a antiga capital da Russia. Aqui se corou huma constancia a toda a prova. Ninguem recusou o sacrificio de suas propriedades á segurança publica; e o Despota da França não se pôde gabar de

possuir mais do que ruínas. Em vez de abundantes armazens, commodos quartéis, e copiosos armamentos encontrou apenas labaredas, ou cinzas. Embora a sua hypocrita humanidade brade contra a barbaridade d'aquelles *Tartaros* (segundo a sua expressão); e escritores credulos e temerarios condemnem aquelle passo: a liberdade do Norte, e com ella a da Europa nascerão das cinzas de Moskow.

E não basta para provar esta proposição mostrar os exercitos até alli victoriosos agora em vergonha, sa fugida? Descobrir as estradas da Russia juncadas de cadaveres, atulhadas de carros e de peças que os suppostos conquistadores do Norte deixão a cada passo? Então seria mister vê-los na França humilhados, e corridos: ouvir os seus discursos, attribuindo os seus dezares ao rigor da estação intempes-tiva; e misturar vantagens com perdas, triunfos com fugida, gloria com abatimento.

Mas a ambição, irritando-se com os estorvos, que atalhavão seus progressos, á maneira de hum rio, que engrossa a sua corrente quando o pertendem re-prezar, empenha todas as suas forças, excede ainda mesmo os seus esforços, e com requisições violentas e excessivas, apronta hum corpo capaz de reconquistar a sua gloria. Marcado porém o termo da sua usurpação: o seu entendimento se perturba, as suas idéas se baralhão, e não apparece mais o vencedor de Marengo. Ou a pericia dos Generaes Alliados o assombrasse, ou a sua incorruptibilidade tornasse inutil o ouro seductor, que destramente manejava, as primeiras operaçoens marcão a falta de plano, a teima prepara a sua perda, e a imprudencia corôa a sua ruina. Factos ainda recentes na memoria de todos, não devem ser outra vez repetidos: virão todos este novo Annibal perder os seus alliados em consequencia dos primeiros revezes, e trilhar fugitivo o terreno, que antes calcara vencedor. As scenas desgraçadas, que rematarão as empre-

zas dos conquistadores, estampadas em cada pagina da Historia, se repetem todos os dias. A França, que ameaçava engolir o resto da Europa, pôde mal defender-se. As suas fronteiras são invadidas, tomadas algumas das suas praças occupadas muitas das suas bellas Cidades, e as cadêas, que ella levava aos paizes mais septentrionaes, pezão agora sobre ella. Graças aos empenhos da Peninsula, que servirão de modelo ás naçoens todas! Primeiro o immortal Wellington transpoem os Pyrenneus, ameaça o terreno Francez, leva o fogo e a morte aos Gascoens, e diante dos fortissimos Portuguezes recuão assustados os veteranos do Corso. Agora pôde dizer-se com propriedade o que em outra occasião disse hum dos Monarcas mais illustres da França — *Já não ha Pyrineus*. Estereis planos de hum General astuto, disfarçados ardis, nada valem contra o furor de huma nação, que vinga os insultos mais atrozes, e castiga a usurpação mais injusta. Logo Russos Prussianos, Suissos, Austriacos, e todas as Naçoens da Allemanha passão o Rheno; penetrão na Suissa, pospoem os Appeninos: o terreno Francez he alagado no sangue dos seus proprios filhos e Brienne vê com assombro desbaratadas as suas tropas por hum só corpo dos Alliados commandado pelo immortal Blucher, guerreiro não sei se mais illustre pelos seus talentos militares e por hum valor intrepido, ou pelas mais relevantes qualidades moraes.

Quaes sejam as consequencias desta grande victoria he facil de pensar. Porém para nos guiar em nossos raciocinios, temos recopilado os Discursos assim do Tyranno, como de seus Satellites já despidos daquelle orgulho, que pertendia assoberbar o Universo, respirando o abatimento e a consternação. He verdade que saltão algumas faiscas daquelle espirito de injustiça, com que calumnião os seus inimigos: algumas expressoens empoladas exá-

gerão as suas pertendidas qualidades moraes, e que-rem fazer reflectir sobre os Alliados increpaçoens ini-quaes, mas não apparecem logo em todo a sua ex-tensão o terror e a consternação? *O nosso terreno he invadido: passarão as nossas fronteiras: o nos-so paiz he ameaçado; e outras expressoens de al-larima se lem em todas as paginas: não se trata já de conquistar: não cuidamos em conservar conquis-tas: a nossa defeza he o nosso empenho; eis-aqui em summa a que se reduzem tantas ameaças, tan-tos gabos.*

As aguias fugirão dos paizes estranhos; abat-terão as azas, e procurarão debalde a segurança. Não despregão seus voos sobre Madrid e Lisboa; em París mesmo se não julgão seguras. Esvoaçã-rão por entre as chamas de Moscow, e de hum só voo passarão a Polonia, a Allemanha, a Suissa, e rastejarão o territorio Francez. Com igual sorte des-amparão a Italia, e acolhem-se ao patrio ninho. Muitas dellas feridas e prezas assoalhão a gloria dos Vencedores, e annuncião a queda do Despota.

Dos Documentos, que apresentamos, se conclue o estado de fraqueza daquelle Estado: á violenta con-vulsão succedeu a extrema debilidade; e em vão se procurão os remedios, disfarçando a propria mise-ria, e exagerando chimericos recursos. Leão-se com attenção, e a travez de huma affectada grandeza se verá que a Nação reconhece a paz por ultimo recurso: a paz, que ella affugentou do Universo, para substituir-lhe a insaciavel sede de conquistas; a paz, objecto de todos os votos, huma vez que pro-metta a segurança e a prosperidade dos outros Estados.

*Paris 19 de Dezembro.*

**H**Oje Domingo 19 do corrente, S. M. o Imperador e Rei sahio a huma hora do palacio das Thuilleries para hir ao Corpo Legislativo, onde havendo sido recebido com as ceremonias do costume, S. M. sentado, pronunciou o discurso seguinte. —

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

„ Brilhantes victorias realçarão a gloria das armas Francezas nesta campanha; defeccoens sem exemplo tornarão inuteis aquellas victorias. Tudõ se voltou contra nós, — a mesma França estaria em perigo, se não fosse a união e a energia do povo Francez. — Nestas arriscadas circumstancias, o meu primeiro pensamento foi chamar-vos em roda de mim, — o meu coração ha mister a presença e affeição dos meus vassallos.

Nunca me cegou a felicidade; a adversidade me achará sempre superior aos seus ataques.

Algumas vezes dei a paz ás naçoens, quando ellas havião perdido tudo. Sobre huma parte das minhas conquistas levantei thronos para Reis, que me desampararão.

Tinha concebido e executado grandes projectos para prosperidade e fortuna do mundo. Monarca e pai, sinto que a paz augmenta a segurança dos thronos, e das familias. Estão encetadas negociaçoens com as potencias alliadas. Annui ás bases preliminares, que ellas offerecerão. Esperava então que antes de se abrir esta Sessão estivesse junto o congresso de Manheim; porém novas demoras, que se não devem attribuir á França, tem desviado o momento, a que aspirão os votos ardentes do universo.

Tenho ordenado que todos os documentos originaes que estão na pasta da minha repartição dos negocios estrangeiros, sejam postos á vossa vista.

Tomareis delles conhecimento por meio de huma Junta. Os oradores do meu conselho vos farão conhecer a minha vontade a este respeito.

Da minha parte não ha obstaculo algum ao restabelecimento da paz. Conheço, e tomo parte em todos os sentimentos dos Francezes, — digo dos Francezes, porque nenhum quereria a paz á custa da honra.

A meu pezar exijo novos sacrificios a este povo generoso; mas os seus maiores, e mais caros interesses os requerem. Era necessario recrutar o meu exercito por numerosas levas; as naçoens só podem negociar com segurança, ostentando todas as suas forças. Tornou-se indispensavel hum augmento de impostos. O que o meu ministro da Fazenda vos propozer he conforme ao systema de finança, que eu tenho estabelecido. Acodiremos a todas as necessidades sem emprestimo, que consuma o futuro, e sem papel moeda, o maior inimigo da ordem social,

Estou satisfeito dos sentimentos, que os meus povos da Italia me testemunhão nesta occasião. — Só a Dinamarca e Napoles tem perseverado fieis á sua alliança comigo. — A Republica dos Estados Unidos da America continúa com vantagem a sua guerra com Inglaterra. — Reconheci a neutralidade dos desenove Cantoens Suissos.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

Vós sois os orgãos naturaes deste throno; a vós toca dar o exemplo de energia, que faça a nossa geração recomendavel ás geraçoens futuras. Não digão ellas de nós: “Sacrificarão os maiores interesses de seu paiz! Receberão a lei que a Inglaterra havia querido debalde dictar á França, por espaço de quatro Seculos! ,,

*Falla do Condé de Laccéde, Presidente do Senado recitada em presença do Imperador e Rei, a 3 de Dezembro às duas horas da tarde.*

**S**ENHOR, o Senado vem offerecer a V. M. a homenagem de sua affeição, e de seu reconhecimento pelas ultimas communicações, que recebeu pelo orgão de huma Junta. V. M. annuo ás mesmas propostas de seus inimigos, que lhes transmittio hum dos seus ministros na Allemanha. Que penhor mais forte poderia dar do seu dezejo sincero de paz?

Vossa Magestade pensa certamente que o poder se reforça sendo limitado, que a arte de adiantar a felicidade de hum povo he a melhor politica dos Reis. O Senado lho agradece em nome do povo Francez.

Em nome deste mesmo povo agradecemos to dos os meios legitimos de defeza, que V. M. toma para segurar a paz.

O inimigo tem invadido nosso territorio. Ell quer penetrar até ao centro de nossas provincias. Os Francezes unidos por sentimento e por interesse debaixo de hum Chefe como V. M. não deixarão abatter sua energia.

Os Imperios, como os particulares, tem seus dias de luto e de prosperidade; nas grandes occasioens he que se mostram as grandes naçoens.

Não, o inimigo não ha de despedaçar esta formosa e grande França, que por quatorze Seculo se conservou com gloria, atravez de tantas alternativas da fortuna, e que para interesse das mesmas naçoens visinhas deve sempre ter hum grande peso na balança da Europa. Temos por fiadores vossa firmeza heroica e a honra nacional.

Combatteremos pela nossa amada patria, entre os sepulchros de nossos pais, e os berços de nossos filhos.

Senhor , obtenha V. M. a paz por ultimo esforço de Si , e dos Francezes ; Sua mão tantas vezes victoriosa deponha as armas , depois de haver assignado o descanço do mundo.

Tal he , Senhor , o voto da França , o voto do Senado ; o voto , e a necessidade da especie humana.

*Resposta do Imperador.*

**S**OU sensível aos sentimentos que me exprimis.

Tendes visto pelos documentos , que mandei pôr á vossa vista , o que faço pela paz. Farei sem pezar os sacrificios indicados pelas bases preliminares , que o inimigo propoz , e que eu aceitei ; a minha vontade tem por unico objecto a felicidade dos Francezes.

Entretanto , o *Bearn* , a *Alsace* - o *Franché Comté* , o *Brabant* , estão invadidos. Os gritos desta parte da minha familia me rasgão o coração. Chamo os Francezes a soccorro dos Francezes. Chamo os Francezes de Paris , da Bretanha , da Normandia , da Champagne , e dos outros departamentos , ao soccorro de seus irmãos. Abandona-los-hão na sua angustia ? A paz e a liberdade do nosso territorio devem ser o nosso grito de união. A vista desta nação em armas , o inimigo fugirá , ou assinará a paz sobre as bases , que elle mesmo propoz.

Já não se trata de recuperar as conquistas , que havemos feito.

*Senado Conservador.*

*Sessão de Segunda feira 27 de Dezembro, debaixo da presidencia de S. A. R. o Principe Archi-chancellor do Imperio.*

**E**M nome da Junta especial, nomeada na Sessão de 2 deste mez, — o Senador Conde Fontanes pediu licença, e fez á assemblea a seguinte participação. —

*Monseigneur*, — Senadores, — O primeiro dever do Senado para com o monarcha, e para com o povo he a verdade. A situação extraordinaria, em que a patria se acha, faz este dever ainda mais rigoroso.

O Imperador convidou todos os grandes Corpos do Estado a exprimirem livremente as suas opinioens, pensamento verdadeiramente leal! O saudavel desenvolvimento dessas instituicoens monarchicas, em que o poder está concentrado nas mãos de hum só, he reforçado da confiança de todos, e dando ao throno a garantia da opinião nacional, dá tambem aos povos a consciencia da sua dignidade, e a justissima recompensa de seus sacrificios.

Intençoens tão magnanimas não devem ser mallogradas. Em consequencia, a Junta nomeada na vossa Sessão de 22 de Dezembro, da qual eu tenho a honra de ser o orgão, tem feito o mais serio exame dos papeis officiaes sujeitos á sua inspecção por ordem de S. M. o Imperador, e communicados pelo Duque de Vicencia.

Começarão negociaçoens de paz; deveis conhecer os seus progressos; o vosso juizo não deve ser prevenido. Huma simples enumeração de factos, guiando vossa opinião, deve preparar a da França. Quando o Gabinete Austriaco depoz o caracter de mediador: quando tudo dava azo a julgar que o

Congresso de Praga estava-se dissolvendo por instantes, o Imperador se determinou a fazer hum ultimo esforço para a pacificação do Continente. O Duque de Bassano escreveu ao Principe de Metternich. Propoz neutralizar hum ponto nas fronteiras e tornar alli ás negociações de Praga, continuando ainda as hostilidades. Infelizmente estas primeiras propostas não tiveram effeito algum.

A epoca, em que se deu este primeiro passo pacifico, he importante. Foi a 18 de Agosto passado. Estava fresca a lembrança das batalhas de Lutzen e Bautzen. Póde-se por tanto dizer, que este dezejo, opposto á prolongação da guerra, he de alguma sorte da mesma data que estas duas victorias.

Os esforços do Gabinete Francez forão debalde; a paz se affastou mais, tornarão a começar as hostilidades; os acontecimentos tomarão huma nova face. Os soldados dos Principes Allemaens, ainda nossos alliados, tinham mostrado mais de huma vez huma fidelidade muito duvidosa; subitamente deixarão de dissimular, e se ajuntarão a nossos inimigos.

Desde aquelle momento as combinações de huma campanha tão gloriosamente começada não podião ter o exito esperado.

O Imperador vio que era tempo que os Francezes sahisses da Allemanha. Retrogradou com elles, combattendo quasi a cada passo, e na estreita verdade, em que tantas defecções declaradas e traições surdas apertavão sua marcha, e os seus movimentos, novos tropheos assignalarão a sua volta.

Nós o seguimos com inquietação atravez de tantos obstaculos, dos quaes só elle podia triunfar; nós o vimos com prazer voltar sobre suas fronteiras, não com a sua felicidade costumada, mas não sem heroismo e sem gloria. De volta á sua Capital affastou as suas vistas d'esses campos de batalha, em que o universo o admirou por quinze an-

rios; despegou até os seus pensamentos dos grandes projectos, que elle havia concebido. Empregou as suas mesmas expressões; voltou-se para o seu povo, abriu-se o seu coração e nelle nós lemos os nossos mesmos sentimentos.

Dezejou a paz, e apenas pareceu possível a esperança de huma negociação, se apressou a lançar mão della.

Os acontecimentos da guerra conduzirão o Barão de St. Aignan ao quartel General das Potencias alliadas. Vio o Ministro Austriaco, o Principe Metternich, e o Ministro Russo, o Conde Nesselrode. Hum e outro, em nome de suas Cortes, posserão debaixo dos seus olhos a base de huma pacificação geral. O Embaixador Inglez, Lord Aberdeen, estava presente a esta conferencia. Notai este facto, Senadores: elle he importante.

O Barão de St. Aignan, havendo sido encarregado de informar a sua Corte de tudo quanto tinha ouvido satisfizes fielmente a esta commissão.

Ainda que a França tinha direito de esperar outras proposições, o Imperador sacrificou tudo ao desejo sincero da paz. Mandou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe Metternich que elle admittia, como base da negociação, o principio geral contido na participação confidencial de M. de St. Aignan.

O Principe Metternich, em resposta ao Duque de Bassano, pareceu pensar que havia alguma cousa vaga na adhesão dada pela França.

Para dissipar todas as difficuldades, o Duque de Vicencia depois de haver recebido as ordens de Sua Magestade, fez saber ao Gabinete da Austria que Sua Magestade adheria á base geral e summaria communicada por M. de St. Aignan. A carta do Duque de Vicencia he de 2 de Dezembro; foi recebida a 5 do mesmo mez. O Principe Metternich respondeu a 10. Cumpre reparar bem nestas

datas. Bem depressa vereis que ellas não são indifferentes.

Podem-se conceber justas esperanças de paz, lendo a resposta do Principe Metternich ao officio do Duque de Vicencia; sómente no fim da sua carta, annuncia que antes de encetar as negociaçoens, he necessario conferir com os alliados. Estes Alliados não pôdem ser senão os Inglezes. Ora, o seu Embaixador esteve presente á conversação, de que M. de St. Aignan tinha sido testemunha. Não queremos excitar a desconfiança; recitamos.

Notámos com cuidado a data da ultima correspondencia entre os Gabinetes Francez e Austriaco. Dissemos que a Carta do Duque de Vicencia devia ter sido recebida a 5, e que a recepção foi accusada a 10. — Entretanto huma gazeta actualmente debaixo da influencia das Potencias alliadas, publicou a toda a Europa huma declaração, que dizem estar revestida da sua sancção. Seria doloroso cre-lo.

Esta declaração he de huma natureza desusada na diplomacia dos Reis. Não expoem aos Reis seus iguaes as suas queixas, e lhes envião seus manifestos; dirigem-as aos povos, e porque motivos adoptão este novo modo de proceder? Para separar a causa dos povos da causa dos que os governão, ainda que o interesse da Sociedade os tenha reunido em toda a parte. Este exemplo não pôde ser fatal? Deveria elle ser dado, mórmente nesta epoca, em que os povos, agitados por todos os males da vaidade, estão tão pouco inclinados a curvar sob a authoridade, que os protege, ao mesmo tempo que reprime a sua audacia? E quem he o objecto daquelle ataque indirecto? He feito a hum grande homem, que tem merecido o reconhecimento de todos os Reis, porque restabelecendo o throno da França, fexou a cratera do volcão, que os ameaçava a todos.

Não se deve dissimular que a certas vistas o tom daquelle manifesto extraordinario he moderado. Isto prova que a experiencia da Coalição se tem aperfeçoado. Talvez se lembrão de que o manifesto do Duque de Brunswick atacou o orgulho de hum grande povo. Com effeito aquelles mesmos, que não abraçavão as opinioens então dominantes, ao ler aquelle manifesto insultante, se julgarão offendidos na honra nacional. Por isso se adoptou outra lingoagem. A Europa cansada precisa mais de descanso que de agitaçoens.

Mas se ha tanta moderação nos conselhos dos nossos inimigos, porque, fallando sempre de paz, ameação nossas fronteiras, que havião promettido respeitar, quando só tivessesmos o Rhim por barreira? Se nossos inimigos são tão moderados, porque infringirão a capitulação de Dresde? Porque não attenderão ás justas queixas do General, que commandava naquella praça?

Se são tão moderados, porque não estabelecerão a troca dos prisioneiros, conforme todos os usos da guerra?

Em fim se os protectores dos direitos das naçoens são tão moderados, porque não respeitarão os Cantoens Suissos? Porque este governo prudente e livre, que á face da Europa se havia declarado neutro, vê agora os seus tranquilllos valles e montanhas assoladas por todos os flagellos da guerra? Algumas vezes a moderação he só hum artificio diplomatico. Se quizessemos empregar o mesmo artificio, attestando tambem a justiça e a boa fé, quanto nos seria facil confundir nossos accusadores com as suas proprias armas!

A Rainha, que escapou da Sicilia e que de hum lugar de desterro a outro tem fugido na sua adversidade para os Ottomanos, prova ao universo que os nossos inimigos tenham tanto respeito á dignidade real?

O Soberano da Saxonia se entregou á discricção das Potencias alliadas. Achou elle as acçoens conformes ás seguranças dadas? Tristes boatos se espalhão na Europa; oxalá que não sejam realidados! Póde-se querer punir a fidelidade ao seu juramento pela vida de hum Soberano opprimido de annos e de affiçoens e dotado de tantas virtudes!

Não se devem insultar os governos nesta tribuna, nem mesmo aquelles que tomão a liberdade de insultar-nos mas deve ser-nos permittido avaliar por seu justo valor essas queixas antigas e bem conhecidas, contra todas as Potencias, que tem feito grande figura, desde Carlos V. até Luiz XIV, e de Luiz XIV até o Imperador.

O projecto de *invasão*, de *preponderancia*, de *monarquia universal*, tem sido sempre hum grito de união para todas as coaliçoens; e do centro dessas coaliçoens, assombradas da sua propria imprudencia, se tem levantado muitas vezes humia Potencia ainda mais ambiciosa que aquellas, contra cuja ambição se reclamava.

Os abusos de poder estão traçados em caracteres de sangue nas paginas da Historia — todas as naçoens tem errado, — todos os governos tem commettido faltas, — deverião todos perdoar-se mutuamente.

Se, como queremos crer, as Potencias alliadas fórmão votos sinceros pela paz, não ha obstaculo ao seu restabelecimento. Temos demonstrado, pelo extracto das peças officiaes, que o Imperador dezeja a paz, e que até a comprará por sacrificios, nos quaes a sua grande alma esquecerá a sua gloria pessoal, para cuidar só nas necessidades da nação.

Quando lançamos hum golpe de vista sobre aquella coalição, composta de elementos, que se repellem huns aos outros, — quando vemos a estranha e monstruosa mistura de povos, que a natureza fez rivaes, — quando pensamos que muitos

delles por alianças inconsideradas se expoem a perigos, que não são quimericos, não podemos crer que huma tal reunião de interesses tão differentes possa ser de longa duração.

Não vemos nós nas filas do inimigo hum Principe nascido com todos os sentimentos Francezes, no paiz, em que elles são mais vivos?

O guerreiro, que antes defendeu a França, não pôde persistir muito tempo contra ella.

Lembreino-nos tambem que hum Monarca do Norte, e o mais poderoso de todos, contava modernamente entre os seus titulos de gloria a amizade do grande homem, contra quem combatte agora.

Nossos olhos se voltão com confiança para esse Imperador, que tantos laços prendem ao nosso; que nos deu o mais bello presente em huma adorada Soberana, e que vê em seu neto o herdeiro do Imperio Francez.

Com tantos motivos de concordia e de reunião, poderá ser difficil a paz? Fixe-se immediatamente o lugar da conferencia; — apresentem-se Plenipotenciarios de huma e outra parte com o nobre desejo de dar a paz ao mundo; — reine a moderação em seus conselhos como em sua linguagem! As Potencias estrangeiras mesmas o disserão, na declaração, que se lhes attribue, — “ *Huma grande nação não perde o seu lugar por haver provado revezes, n’aquella luta custosa e sanguinaria, em que combatteu com o seu valor costumado.* ”

Senhores, — Não haveriamos enchido os deveres que esperaes da vossa junta, se provando, e até demonstrando as intençoens pacificas do Imperador, as nossas ultimas palavras não lembrassem ao povo o que elle deve a si mesmo, e o que elle deve ao monarca.

O momento he decisivo. As potencias estrangeiras fallão huma linguagem pacifica, mas algumas de nossas fronteiras estão invadidas, e a guerra está ás nossas portas. o ii

Trinta e seis milhoens de homens não podem trahir a sua gloria, e o seu destino. Naçoens distintas nesta grande demanda, tem soffrido numerosos revezes; mais de huma vez tem sido postas fóra de combate; as suas feridas ainda vertem sangue: a França tambem recebeu feridas, mas ella está longe de se abatter; ella póde ensoberbecer-se de suas feridas, como dos seus triunfos passados. O abatimento na adversidade seria mais indisculpavel que o orgulho na prosperidade. Assim, ao mesmo tempo que fazemos a paz, abreviem-se os preparativos de guerra, e protejão as negociaçoens. Apinhemo-nos em roda do diadema, onde o esplendor de cinquenta victorias brilha atravez de huma nuvem passageira.

A fortuna não falta muito tempo ás naçoens, que não faltão a si mesmas. Este chamamento á honra nacional he dictado pelo amor da paz — d'aquella paz, que não se consegue por fraqueza, mas por firmeza, — d'aquella paz em fim, que o Imperador com hum novo valor promette conceder á custa de grandés sacrificios.

Temos a doce confiança, que os seus votos e os nossos serão realisados, e que esta brava nação, depois de tão longas fadigas, e tanto sangue derramado achará o descanso sob os auspicios do throno, que tem bastante gloria, e que de hoje em diante sómente quer ser cercado de imagens da publica felicidade.

## S I C I L I A .

*Falla do Principe de la Cattolica á Camara dos Pares, por occasião de dissolver-se o Parlamento.*

My Lords e Senhores.

**S**UA Alteza Real o Principe Vigario Geral, com a approvação do Seu Conselho, havendo-me escolhido para manifestar-vos os seus sentimentos, me ordena que vos diga que elle vos ajuntou neste Parlamento geral, plenamente persuadido que vós completieríeis a obra começada o anno passado. Elle pensava que brevemente organisaríeis os novos Tribunaes, segurando d'aquelle modo aos seus queridos e amados Sicilianos as suas propriedades e a sua pessoal segurança, debaixo da administração das leis, da qual se havião cortado os antigos abusos.

Fizerão-se preparativos em 1810 para hum systema de finanças, simples e saudavel, mas do qual o ultimo Parlamento não podia tomar conhecimento sufficiente, porque estava com o cuidado ainda mais importante de erigir a nossa Constituição pelo modelo da Constituição da Grã Bretanha. Sem embargo, o Parlamento decretou algumas concessões provisionaes, e medidas financiaes, deixando a seus successores a conclusão d'aquelle ponderoso negocio; e Sua Alteza Real esperava com impaciencia que o vosso juizo tornasse completo o systema. Elle reflectia com prazer, e se applaudia, nos voluntarios sacrificios, que (com consentimento do Rei, seu Pai e nosso Senhor) elle havia feito de parte das antigas rendas hereditarias, e das prerogativas da Coroa, crendo que d'aquelle modo havia segurado a prosperidade do reino da Sicilia.

Mas ai! forão illusorias as esperanças, que em vós havia posto. Apenas vos applicastes a frivolos debates, e disparates. Ouvistes tranquillos as men-

sagens, que elle continuamente vos dirigio, e entre vós se levantou o maligno espirito de hostilidade e discordia. Em vão Sua Alteza Real por meio de prorogaçoens repetidas procurou trazer-vos á desejada união. Foge o tempo, e o estado perece. Fostes admoestados, recusastes parar e reflectir. Reduzistes Sua Alteza Real á necessidade de adoptar huma medida dura e decisiva, que a Constituição authorisa; aquella Constituição, que elle vos deu, que prometten e de novo promette conservar. Sua Alteza Real sente-se obrigado a dissolver immediatamente o Parlamento, a fim de ajuntar, o mais breve que for possível, outro que, instruido por esta experiencia, dirija seus trabalhos a aperfeiçoar o Codigo Constitucional — ancora sobre que descança a publica segurança.

Approve a Sua Alteza Real dizer-me que se havia resolvido a este procedimento com repugnancia, e com infinito pezar; que elle era indispensavel e a nação não podia condemna-lo, porque na temeridade e rancor de seus debates, se haviam feito e sustentado movimentos, que indicavão claramente que se dezejava huma Constituição, inteiramente differente da nossa, e da Constituição de Inglaterra. Os papeis impressos, que girão nesta metropole e nas provincias; o empenho que se tem feito repetidas vezes para usurpar o Poder Executivo, para destruir a Real Prerogativa, e para perpetuar a duração do Parlamento, ministrando subsidios só para hum mez; outros empenhos para usurpar; ao mesmo tempo, o poder judicial cuja independencia he huma das columnas fundamentaes da Constituição; tudo isto mostra evidentemente aquella deploravel verdade.

Sua Alteza Real me mandou dizer-vos, My Lords que esta dissolução do Parlamento vos dará descanço, por breve tempo, mas bastante para considerardes vossos interesses reaes; e a vós, Senho-

res da Camara dos Commons, que voltando para os vossos respectivos paizes, espera que não sejaes guiados por algumas das falsas idéas, que vos possão ser, ou ainda vos sejão suggeridas; e que, pelo contrario, nossos concidadãos receberão de vós a segurança de que as promessas de Sua Alteza Real são sagradas — que elle tem sancionado, e de novo sanciona as nossas liberdades, como estabelecidas no Parlamento do anno passado — que para prevenir a dissolução do Governo e do Estado, continuará a regular a repartição da fazenda, segundo o plano provisional decretado no Parlamento de 1812, em quanto se não estabelece finalmente este negocio altamente interessante; acontecimento que, segundo se pensa, não se ha de demorar mais de hum anno; — que entretanto, Sua Alteza Real nomeará para aquellas Magistraturas e lugares, que lhe forão propostos o anno passado, e com seu beneplacito serão instituidos; — e que finalmente se ajuntará hum novo Parlamento o mais cedo possivel. Mas a este respeito, recomenda rigorosamente que façaes com que os vossos concidadãos estejam prontos, quando cumprir a voltarem como Membros do novo Parlamento, aquelles sómente que forem animados de hum verdadeiro amor da patria; aquelles que não forem capazes de se desviarem do seu dever por sugestoens de pessoas mal intencionadas, inimigas da felicidade e verdadeira liberdade do povo Sciliano; aquelles que confiarem na lealdade de Sua Alteza Real, na lealdade daquelle, que lhes deu a liberdade, e só aspira a immortalisar o seu nome tornando feliz os seus fieis e prezados Sicilianos.

*Proclamação de Lord Bentinck.*

**O** Tenente General Lord Bentinck, havendo contratado com S. M. e com o Principe Herdeiro, a obrigação de impedir que a sancção real dada á livre Constituição da Sicilia tenha consequencias, que possam comprometter a segurança da coroa e a tranquillidade publica, e por outras considerações que a todos devem ser evidentes, faz saber, — que em quanto o Parlamento não tiver providenciado á conservação da boa ordem e a prosperidade desta Cidade; em quanto durar a confusão actual, que ameaça com huma funesta catastrophe, não só a liberdade dos vassallos, porém a mesma existencia do Estado; e em quanto a grande obra da Constituição, tão felizmente começada pelo Parlamento de 1812, não estiver regularmente consolidada, o Tenente General será obrigado a manter a tranquillidade publica, com a força militar cujo commando lhe está confiado. Em consequencia, declara que fará castigar de morte, depois de hum processo marcial e summario, os perturbadores da boa ordem, os assassinos, e todos os outros inimigos da constituição, que de qualquer maneira poserem algum obstaculo ou opposição ás medidas do governo.

Palermo 31 de Outubro.

( Assignado )

W. C. Bentinck.

*Confederação Suissa.*

**N**OS Landamman e membros da Dieta dos 19 Cantoens da Confederação Suissa, — A vós, amados Confederados, saude: — A guerra, que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, se aproxima ao nosso paiz e ás nossas tranquillias moradas. Nestas circumstancias, era do nosso dever, como deputados dos Cantoens Confederados, deliberar maduramente sobre a situação do paiz, dirigir communicações ás Potencias belligerantes, e fazer todas as disposições ulteriores, que as circumstancias exigião. Fieis aos principios de nossos maiores, em virtude dos poderes e ordens do nosso governo, de huma voz e vontade unanimes, declaramos a neutralidade da Suissa. Himos transmittir e notificar, nas fórmãs mais convenientes aos Soberanos dos Estados em guerra o acto solemne, que havemos lavrado com este fim. Graças á protecção divina, o desempenho de huma rigorosa neutralidade tem por seculos garantido a liberdade e o descanso do nosso paiz. Agora, como nos tempos antigos, esta neutralidade só convém á vossa posição e ás nossas precisoens. Por consequencia queremos estabelecerla; e faze-la respeitar por todos os meios, que estão em nossa mão. Queremos segurar a liberdade e independencia da Suissa manter a sua actual constituição, e preservar o nosso territorio de qualquer ataque; tal he o unico fim de todos os nossos esforços. Para este effeito, nos dirigimos a vós, queridos Confederados de todos os Cantoens da Suissa, informando-vos sem demora da declaração que acabamos de fazer. A Dieta espera de cada hum de vós qualquer que elle seja, que obrará nas mesmas vistas; contribuirá com todos os seus meios á causa commum; fará os esforços e sacrificios, que o bem da patria e a sua conservação requerem; e que assim a nação inteira se mostrará digna de

seus pais , e da felicidade de que goza. Queira o Supremo Senhor do Universo aceitar a homenagem de nosso vivo reconhecimento aos immensos benefícios , que até o presente tem derramado sobre o nosso paiz , e se digne de conceder ás nossas supplicas a conservação a tranquillidade , e a felicidade deste Estado , posto debaixo da sua protecção.

Dado em Zurich , a 20 de Novembro.

O Landmman, Presidente da Dieta, J. De Reinhard.  
O Chanceller da Confederação, Morisson.

---

*Obra publicada nesta Corte.*

**O**Ração funebre , que nas exequias da Serenissima Senhora D. Maria Anna Francisca Josefa Antonia Gertudes Rita Joanna , Infanta de Portugal , mandadas fazer por Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor , recitou na Real Capella desta Corte , em o dia 14 de Junho de 1819, Fr. Francisco da Mãe dos Homens , Religioso Agostinho Reformado de Portugal.

A satisfação , que tivemos , ouvindo recitar esta eloquente Oração , cresceu sobemaneira quando lemos e considerámos suas bellezas. As virtudes da Serenissima Senhora Infanta merecião hum tão digno panegyrista. O seu exordio he energico e elegante , sem huma pompa affectada , e sem os vôos improprios deste lugar. He bellissima a introducção , na qual se dá huma brilhante idéa da Historia Ecclesiastica de Portugal. No corpo do Discurso assoalha com dignidade os talentos , os estudos e sobre tudo as virtudes da sua heroína : fazendo sobresahir a sua caridade , e a sua humildade. Toca delicadamente no ultimo periodo da sua existencia , com hum estilo proprio de Bossuet. Parora , reco-

mendando a virtude como unico braço da grandeza, o que prova com o seu mesmo objecto; e remata dirigindo ao Altissimo as preces, que a Igreja ensina na Sequencia da Missa.

Neste rapido esboço escapão as bellezas da dicção, certamente mui castigada, e pura dos gallicismos, que abastardão a nossa lingua; o ajustado emprego das figuras e tropos; a harmonia dos periodos; e outras muitas cousas que o leitor intelligente lerá com satisfação.

## Continuação do Estado da atmosphera.

Janeiro.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Graos.	Pol.	Vint. Mil.	
1	80	29	21	44	
2	85		13	8	
3	83		12	40	
4	83		12	20	
5	84		11	36	
6	84		12	36	
7	83		11	33	chuvozo com trovoadas
8	82		11	20	claro
9	84		11	30	
10	85		11	46	
11	85		11		chuviscou
12	84	00.30	10	44	pezado e chuva
13	85		11	10	
14	87		11	18	
15	84	00.10	10	44	
16	85	00.10	12	20	
17	79		11	40	claro
18	81 $\frac{1}{2}$		11	34	
19	82		14	40	
20	85		12	20	
21	84 $\frac{1}{2}$		11	40	
22	85		11	10	
23	91		11	42	
24	86		12	4	trovoadas e chuva
25	83		13	30	
26	81		14	48	
27	79 $\frac{1}{2}$		15	26	
28	81		13	20	claro
29	84		13	10	
30	85		12	32	
31	85 $\frac{1}{2}$		12	16	

Fevereiro.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Graos.	Pol.	Vint. Mil.	
1	87	29	12	28	claro
2	86		12	40	
3	85 $\frac{1}{2}$		12	40	
4	85		12	20	
5	85 $\frac{1}{2}$		12		
6	86		11	40	
7	86 $\frac{1}{2}$		11	40	
8	85		12		
9	84 $\frac{1}{2}$		12	40	
10	84 $\frac{1}{2}$		11	42	
11	86 $\frac{1}{2}$		12	30	
12	85		12		
13	85 $\frac{1}{2}$		12		
14	88		12	30	pezado
15	87		14		
16	85		13	23	
17	88		12	14	chuvisco
18	85		12		claro
19	85		12		
20	88		12	30	
21	88		13	20	
22	85		12	40	
23	85		12	30	
24	85 $\frac{1}{2}$		12	4	
25	89		12		
26	88 $\frac{1}{2}$		11	40	pezado
27	89		11	46	
28	89		12	4	

## INDICE.

## AGRICULTURA.

- Summario da Historia do descobrimento da Cochonilha no Brazil, e das observaçoens, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, Medico do Vice-Rei o Marquez do Lavradio.* pag. 3

## TOPOGRAFIA.

- Fim da Descripção Geographica da Capitania de Matto Grosso.* 14
- Memoria sobre a Capitania do Seará, Escrita de Ordem Superior pelo Sargento Mór João da Silva Feijó, Naturalista Encarregado por S. A. R. das Investigaçoens Filosoficas da mesma Capitania.* 46

## LITTERATURA.

- Ode Pindarica á SUA ALTEZA REAL. Pelo Professor de Filosofia da Villa Rica.* 33
- Discurso offerecido aos Bahianos no dia da abertura do seu novo Theatro, aos 13 de Maio de 1812, Dia dos Annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor. Por B.\*\*\** 38
- Tradução de huma passagem do Livro 2.º das Georgicas de Virgilio. Por B.\*\*\** 41
- Soneto pela occasião de ser nomeado Vice-Rei dos Estados da India o Excellentissimo Senhor Conde de Palma. Por A. da R. F.* 44
- Outro ao mesmo. Por J. J. da S. G.* 45

<i>Exame da Resposta defensiva e analytica á Censura, que o Redactor do Patriota fez ao Drama intitulado o Juramento dos Numes, &amp;c.</i>	63
---	----

## P O L I T I C A.

<i>Discurso do Redactor.</i>	93
<i>Discurso do Imperador e Rei, ao Corpo Legislativo.</i>	97
<i>Falla do Conde de Lacépede - Presidente do Senado, recitada em presença do Imperador e Rei, a 30 de Dezembro ás 2 horas da tarde.</i>	99
<i>Resposta do Imperador.</i>	100
<i>Sessão de Segunda feira 27 de Dezembro, debaixo da presidencia de S. A. R. o Principe Archichancellor do Imperio.</i>	101
<i>Falla do Principe de la Cattolica á Camara dos Pares, por occasião de dissolver-se o Parlamento.</i>	109
<i>Proclamação de Lord Bentinck.</i>	112
<i>Confederação Suissa.</i>	113
<i>Obra publicada nesta Corte.</i>	114
<i>Continuação do Estado da athmosfera.</i>	116

